Atlantico

ANO 3 / YEAR 3 - Nº 11
JULHO/JULY 2017

ISSN 2447806-7

GILBERT HOUNGBO

ESTÁ DE OLHO NOS POBRES
HIS EYES ARE ON THE POOR

GEOPOLÍTICA

ÁFRICA FORA DO MAPA DE TRUMP
AFRICA OUT OF TRUMP'S MAP

COMBUSTÍVEIS

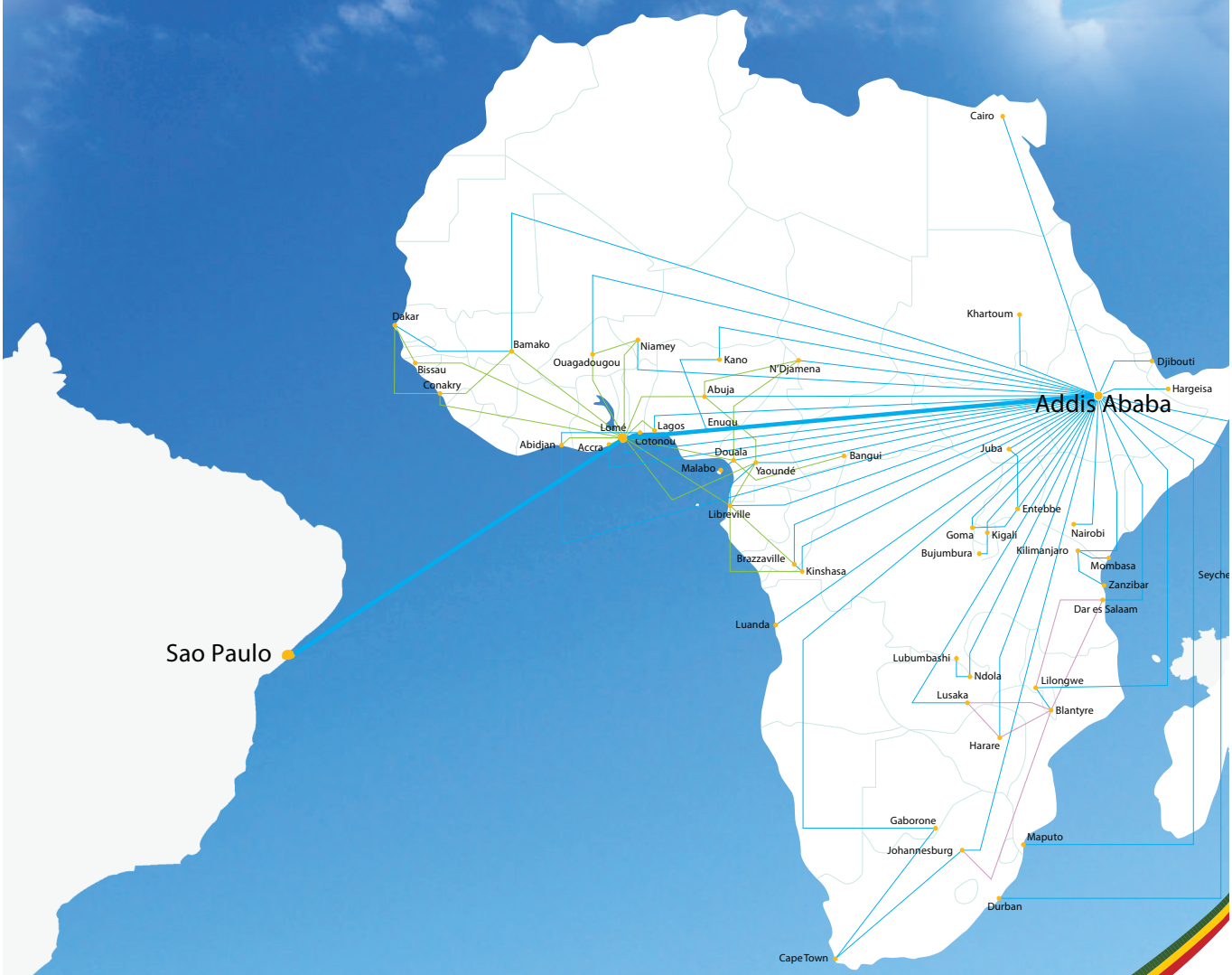
A NOVA DO ESTRATÉGIA DO BRASIL PARA O PETRÓLEO
BRAZIL'S NEW STRATEGY FOR OIL

PRESERVAÇÃO

AÇÃO PREDATÓRIA AMEAÇA O FUTURO DO MARFIM
PREDATORY ACTIONS THREATENS THE FUTURE OF IVORY

A STAR ALLIANCE MEMBER

Ethiopian,
the bridge between Brazil and Africa



www.ethiopianairlines.com

Ethiopian
የኢትዮጵያ
THE NEW SPIRIT OF AFRICA

EDITORIAL

UMA BOA IDEIA QUE SE CONSOLIDA

Esta é a 11ª edição da ATLANTICO. Mais do que um número, simplesmente, a consolidação de uma ideia. Presente, por exemplo, à abordagem que o leitor encontra na entrevista especial com Gilbert Foussoun Houngbo, que recém-assumiu a presidência do FIDA, Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida), organismo que é preciso conhecer a realidade da África para entender sua importância estratégica. Especialmente na luta que se trava, ali e no Brasil, para combater o secular problema da fome, que há anos desafia o cotidiano de governos nos dois lados. É a mesma perspectiva de cruzar os olhares, sempre, que permeia as demais pautas encontradas nas páginas seguintes. Assim é, também, com a discussão sobre a nova política internacional da brasileira Petrobras e seus efeitos para a região, com a discussão que se faz quanto à ameaça ao futuro do marfim pela ação comercial predatória e no debate relacionado à presença africana no mapa das prioridades dos Estados Unidos em tempos de Donald Trump no poder. Leituras necessárias para o momento e que encontram uma visão editorial equilibrada, na perspectiva do que quer o cidadão, onde quer que ele esteja lendo a revista.

CONSOLIDATING A GOOD IDEA

This is the 11th edition of Atlantico. More than a number, simply, the consolidation of an idea. For example, the approach that the reader finds in the special interview with Gilbert Foussoun Houngbo, who recently took over the presidency of the International Fund for Agricultural Development (IFAD), an organization that needs to know the reality of Africa to understand its strategic importance. Especially in the struggle there and in Brazil, to challenge the age-old problem of hunger that has defied the daily lives of governments on both sides. It is the same perspective to open the eyes, always, that permeates the other guidelines found in the following pages. This is also the case with the discussion about the new international policy of the Brazilian oil company Petrobras and its effects on the region, with the discussion about the threat to the future of ivory by predatory commercial action and the debate related to the African presence on the map of priorities of the United States under Donald Trump's power. Readings needed for the moment through a balanced editorial view, considering the perspective of what readers want, wherever they are reading the magazine.

Atlantico **ISSN 2447-8016**

Publisher **João Bosco Monte** Editor **Guálter George** Reportagens / Reports **Gustavo Augusto-Vieira, Ana Vitória Reis** Assistente editorial / Editorial Assistant **Laíne Carlos** Tradução / Translations **Maurice Strauss** Arte / Art **Andréa Araujo, Mariana Araujo** Conselho Editorial / Editorial Board **André Brayner, Gilberto Lima Júnior, Gualter George, Gustavo Augusto-Vieira, João Bosco Monte e Thomas Vlassak** Impressão / Print Expressão Gráfica - Fortaleza, Ceará Tiragem / Copies 5.000

Contato / Contact atlantico@institutobrasilafrica.org

Publicidade / Advertising **Ed Brasil** (edvar.brasil@institutobrasilafrica.org)

ATLANTICO é uma publicação trimestral do Instituto Brasil África. O Instituto Brasil África não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. ATLANTICO is a quartely publication of Instituto Brasil Africa. Instituto Brasil Africa is not responsible for concepts expressed in signed articles.

Brazil Africa Institute

Escritório Fortaleza / Fortaleza Office Rua José Alencar Ramos, 385, Luciano Cavalcante, Fortaleza, Ceará, Brasil, CEP 60813-565, Telefone / Phone: +55 85 32682010. Escritório São Paulo / Sao Paulo Office Alameda Santos, 234, 12º Andar, Cerqueira César, São Paulo, SP, Brasil, CEP 01418000, Telefone / Phone: +55 11 34651002. Contato / Contact contato@institutobrasilafrica.org Website www.institutobrasilafrica.org

SUMÁRIO / SUMMARY

12
OS POBRES NO FOCO DE GILBERT HOUNGBO
THE POOR IN THE FOCUS OF GILBERT HOUNGBO

22
BRASIL MUDA ESTRATÉGIA DE PETRÓLEO
BRAZIL CHANGES ITS OIL STRATEGY

30
AÇÃO PREDATÓRIA AMEAÇA O FUTURO DO MARFIM
PREDATORY ACTIONS THREATENS THE FUTURE OF IVORY

36
TECNOLOGIA A SERVIÇO DO ESPORTE E DA GESTÃO
TECHNOLOGY AT THE SERVICE OF SPORT AND MANAGEMENT

40
ÁFRICA FORA DO MAPA DE TRUMP
AFRICA OUT OF TRUMP'S MAP

46
TABOM PEOPLE: O BRASIL LONGE DO BRASIL
BRAZIL AWAY FROM BRAZIL

54
MARIA DA PENHA, A MULHER E A LEI
MARIA DA PENHA, THE WOMAN AND THE LAW

CARTA DO PRESIDENTE / PRESIDENT'S LETTER

A cooperação internacional para o desenvolvimento é o conjunto de esforços de governos, apoiados por fortes organizações internacionais, sociedade civil, academia e do setor privado para promover ações que contribuam para o desenvolvimento sustentável e melhorar os padrões de vida da população mundial através transferência, recepção e troca de informações, conhecimento, tecnologia, experiência e recursos.

Em particular, o fortalecimento da cooperação nas relações entre o Brasil e África parece essencial em um território marcado pela rejeição do colonialismo de séculos anteriores. O Brasil tem vantagens notáveis para além de seu status como uma potência emergente, mas também por ter afinidades históricas com o continente africano.

Por outro lado, a crescente demanda internacional de cooperação com o Brasil em diversas áreas, notadamente porque o País se tornou uma referência mundial sobre programas de inclusão social e erradicação da pobreza e é visto como um país modelo que deu o salto de crescimento com distribuição de renda em um contexto democrático.

Neste sentido, o Instituto Brasil África mantém um diálogo permanente com as destacadas organizações brasileiras e estrangeiras, a fim de alargar os seus projetos de cooperação para o desenvolvimento, de formação e qualificação, assistência técnica e consultoria no Brasil e na África.

Para nós, a cooperação é fundamental para compartilharmos o melhor de nossas experiências e ao mesmo tempo ajudar a enfrentar os desafios globais para crescermos juntos. Assim, podemos contribuir para erradicar a pobreza, a desigualdade e a exclusão social e o aumento de intercâmbios educacional, técnico, científico e cultural.

Não se pode deixar de lado também o fato de que a África está aumentando consideravelmente o seu crescimento económico, que tem uma maior estabilidade política em muitos dos seus países, o que aumentou os fluxos de investimento estrangeiro, e também está vendo crescer uma classe média significativa.

Estes argumentos definem, portanto, que o continente africano apresenta desafios interessantes para a definição de uma política comercial longeva, a abertura de novos espaços e oportunidades para o desenvolvimento da economia brasileira.

Nossa busca constante por boas histórias sobre oportunidades tanto no Brasil como na África, serve como combustível para auto estimulo e também para incitar aqueles que nos cercam.

João Bosco Monte
Presidente
Instituto Brasil África

International development cooperation is the set of efforts of governments, supported by strong international organizations, civil society, academia and the private sector to promote actions that contribute to sustainable development and improve the living standards of the world's population through transfer and exchange of information, knowledge, technology, experience and resources.

Particularly, the strengthening of cooperation between Brazil and Africa seems essential in a territory marked by the rejection of colonialism of previous centuries. Brazil has notable advantages beyond its status as an emerging power, but also because it has historical affinities with the African continent.

On the other hand, the growing international demand for cooperation with Brazil in several areas, notably because the country has become a world reference on social inclusion and poverty eradication programs and is a model that has given the leap of growth with distribution of Income in a democratic context.

In this sense, Brazil Africa Institute maintains a permanent dialogue with the leading Brazilian and foreign organizations to extend its cooperation projects for development, training and qualification, technical assistance and consulting in Brazil and Africa.

For us, cooperation is key to sharing the best of our experiences and at the same time helping to meet the global challenges for us to grow together. We can thus contribute to eradicating poverty, inequality and social exclusion and increasing educational, technical, scientific and cultural exchanges.

One cannot ignore the fact that Africa is increasing its economic growth considerably, which has greater political stability in many of its countries, which has increased the flow of foreign investment, and shows a significant growth of its class average.

These arguments thus define that the African continent presents interesting challenges for the definition of a long-term trade policy, the opening of new spaces and opportunities for the development of the Brazilian economy.

Our constant search for good stories about opportunities both in Brazil and in Africa serves as fuel for self-stimulation and to incite those around us.

João Bosco Monte
President
Brazil Africa Institute

BRILHANTES PERSPECTIVAS DE COOPERAÇÃO AGRÍCOLA ENTRE O BRASIL E A ÁFRICA

Imagine uma infértil Savana africana de 204 milhões de hectares tornando-se um celeiro de vários bilhões de dólares. Impossível? E mais... há três décadas, o infértil Cerrado (Savana brasileira) , foi transformado em uma das terras agrícolas mais produtivas do mundo gerando mais de US $ 50 bilhões por ano.

Se o Brasil conseguiu transformar sua "Savana", o que impede a África de fazer o mesmo? A Savana da Guiné enfrenta restrições semelhantes ao Cerrado brasileiro na década de 1970: solos pobres em nutrientes e ácidos; chuva altamente variável e acesso limitado aos mercados regionais e de exportação, ausência de sementes adequadas, calcário e fertilizantes, irrigação e infraestrutura de apoio.

No Brasil, o desenvolvimento da infraestrutura rural, as inovações tecnológicas e institucionais foram necessárias para transformar o avanço científico da gestão do solo e das novas variedades de culturas em produções agrícolas abundantes nas savanas.

Após a transformação bem-sucedida do cerrado brasileiro e pampas argentinos, a Corporação Agrícola Brasileira (CAMPO) e a Associação Argentina de Profissionais de Plantio Direto (AAPRESID) demonstraram capacidade para aumentar drasticamente os rendimentos em três continentes: América do Sul, Europa e África. O método de produção de colheita de plantio zero é ambientalmente amigável, melhoria a estrutura do solo e conservação de água e ajuda a mitigar as mudanças climáticas. Os seus programas de produção de culturas são adaptados a diferentes tamanhos de fazenda: pequenas, médias e grandes propriedades comerciais.

Jennifer Blanke
Vice-Presidente para Agricultura e Desenvolvimento Humano e Social do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD)
Vice President for Agriculture and Human and Social Development at the African Development Bank (AfDB)

Martin Fregene
Consultor Especial do Vice-Presidente do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD)
Special Adviser to the Vice President at the African Development Bank (AfDB)

O Banco Africano de Desenvolvimento atualmente está assumindo a liderança no reforço das oportunidades de cooperação entre o Brasil e a África. Está discutindo com CAMPO e AAPRESID a introdução de tecnologia de produção, capacidade empresarial e investimento do setor privado para transformar a Savana Africana. Nossa cooperação também visa facilitar o investimento do setor privado de empresas brasileiras e argentinas para enfrentar o desafio do desenvolvimento da vasta savana africana.

A África tem grandes mercados agrícolas e muitas terras não utilizadas. Os mercados alimentares e agrícolas na África alcançarão US $ 1 trilhão até 2025,superando o valor atual de US $ 850 milhões. A Savana da Guiné na África Subsaariana é de aproximadamente 400 milhões de hectares - uma região do tamanho da Índia ou duas vezes o tamanho do Cerrado brasileiro e menos de 10% é utilizada. A Savana da Guiné se estende por 25 países, da África Ocidental à África Austral, apoiando os meios de subsistência de 239 milhões de pessoas. A Savana da Guiné também continua a ser a melhor opção do mundo para aumentar a produção de alimentos.

Convidamos as empresas agrícolas brasileiras a explorar as oportunidades de investimento na África para consumo doméstico e para exportação. Uma oportunidade para não ser perdida!

BRIGHT PROSPECTS FOR AGRICULTURAL COOPERATION BETWEEN BRAZIL AND AFRICA

Imagine an infertile Savannah of 204 million hectares becoming a multi-billion dollar bread basket... Impossible? And yet... three decades ago, the 'infertile' Brazilian Savannah, "Cerrados", was transformed into one of the most productive agricultural lands in the world generating more than $50 billion per year.

If Brazil succeeded in transforming its Savannah, what prevents Africa from doing the same? The Guinea Savannah is facing similar constraints to the Brazilian Cerrados in the 1970s: nutrient-poor, acidic soils; highly variable rain, and limited access to regional and export markets, absence of appropriate seed, lime and fertilizer, irrigation and supporting infrastructure.

In Brazil, rural infrastructure development, technological and institutional innovations were required to transform scientific breakthrough of soil management and new crop varieties into bountiful crop production across the savannahs.

Following the successful transformation of the Brazilian Cerrados and Argentinean Pampas, the Brazilian Agricultural Corporation (CAMPO) and the Argentinean Association of Zero-tillage Practitioners (AAPRESID) have demonstrated a capacity to dramatically increase yields on three continents—South America, Europe and Africa. Their zero-tillage crop production method is environmentally friendly, improves soil structure, conserves soil water, and helps to mitigate climate change. Their crop production programs are adapted to different farm sizes: small holder, medium and large commercial farms.

> IF BRAZIL HAS MANAGED TO TRANSFORM ITS 'SAVANNAH', WHAT PREVENTS AFRICA FROM DOING THE SAME?

> SE O BRASIL CONSEGUIU TRANSFORMAR A SUA 'SAVANA', O QUE IMPEDE A ÁFRICA DE FAZER O MESMO?

The African Development Bank is today taking the lead in boosting the cooperation opportunities between Brazil and Africa. It is discussing with CAMPO and AAPRESID the introduction of production technology, entrepreneurial capacity, and private sector investment for transforming the African Savannah. Our cooperation also aims to facilitate private sector investment of Brazilian/Argentinian companies to take on the challenge of developing of the vast African Savannah.

Africa has huge agricultural markets and much unused land. Food and agricultural markets in Africa will rise to $1 trillion by 2025 from today's value of $850 million. The Guinea Savannah of Sub-Saharan Africa is approximately 400 million hectares—a region the size of India or twice the size of the Brazilian Savannah, and less than 10% is utilized. The Guinea Savannah stretches across 25 countries, from West Africa to Southern Africa, supporting the livelihoods of 239 million people. The Guinea Savannah also remains the world's best option to increase food production.

We invite Brazilian farming corporations to explore the opportunities for investment in Africa for domestic consumption and for export. An opportunity not to be missed!

EXPLORANDO O POTENCIAL DE PARCERIAS PARA O DESENVOLVIMENTO

Economias em desenvolvimento enfrentam muitos desafios, mas abrigam imensas oportunidades, não importa o grau de desenvolvimento do país. Em geral, os desafios recebem maior atenção nos debates acadêmicos e políticos. Precisamos focar mais nas oportunidades porque o seu aproveitamento é fundamental para a superação dos desafios.

Os governos precisam fomentar um ambiente favorável para a ampliação de oportunidades para alimentar a confiança do setor privado e gerar negócios, investimentos e empregos. As instituições multilaterais, por sua vez, precisam continuar a aperfeiçoar o apoio técnico e o financiamento ao desenvolvimento.

Nesse contexto, há vastas possibilidades para se ampliar o compartilhamento do conhecimento e os negócios e investimentos entre o Brasil e a África.

O Banco Africano de Desenvolvimento oferece uma plataforma propícia para intensificar o compartilhamento de conhecimento entre a África e países em desenvolvimento de outras regiões, incluindo o Brasil. Nesse sentido, em 2011, o Brasil estabeleceu junto ao Banco um Fundo de Cooperação Sul-Sul para o qual doou US$ 6 milhões. Existem oportunidades para se fortalecer a cooperação bilateral, especialmente em áreas em que o Brasil tem experiências positivas, como agricultura, tanto de larga escala quanto familiar, programas de proteção social e sistemas de gestão pública, como o sistema do orçamento nacional.

Jorge Arbache
Secretário de Assuntos Internacionais do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
Secretary for International Affairs of the Ministry of Planning, Development and Management

Rafael Ranieri
Coordenador da Política de Organizações Internacionais no Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
Coordinator of Policy for International Organizations at Ministry of Planning, Development and Management

Há, também, muitas oportunidades de negócios a se explorar, a começar pelo comércio entre o Brasil e os países africanos, que se mantém relativamente baixo. O aperfeiçoamento de instrumentos de financiamento e garantias e a promoção de conexões entre os setores privados dos dois lados do Atlântico podem e devem contribuir para a expansão das relações comerciais.

As perspectivas para investimentos diretos também são amplas. Isso inclui investimentos greenfield e aquisições e oportunidades de internacionalização de empresas. Em geral, o setor privado do Brasil e dos países africanos têm foco doméstico, o que faz com que se deixe de valorizar oportunidades de expansão que, se aproveitadas, podem ser mutuamente benéficas.

Em suma, há perspectivas muito positivas para que o Brasil e a África se apoiem nas suas trajetórias de desenvolvimento. Fomentar ambientes cada vez mais propícios para o florescimento de oportunidades e trabalhar em conjunto para ampliar as pontes de conhecimento e as relações econômicas entre o Brasil e a África são partes inerentes desta agenda.

EXPLORING THE POTENTIAL OF PARTNERSHIPS FOR DEVELOPMENT

Developing economies face many challenges, but they offer immense opportunities no matter the level of development in the country. In general, the challenges are given more attention in academic and political debates. We need to focus more on opportunities because their use is key to overcoming challenges.

Governments need to foster a favorable environment for expanding opportunities to fuel private sector confidence and generate business, investment and jobs. Multilateral institutions, for their part, need to continue to improve technical support by financing development. In this context, there are vast possibilities to expand the sharing of knowledge and business and investment between Brazil and Africa.

The African Development Bank provides a conducive platform for enhancing the sharing of knowledge between Africa and developing countries in other regions, including Brazil. In this sense, in 2011, Brazil established a South-South Cooperation Fund with which it donated US$ 6 million.

There are possibilities for strengthening bilateral cooperation, especially in areas where Brazil has positive experiences,such as agriculture, both large-scale and family farming,social protection programs and public management systems, such as the national budget system.

> THERE ARE VERY POSITIVE PROSPECTS FOR BRAZIL AND AFRICA TO DRAW ON THEIR DEVELOPMENT PATHS

> HÁ PERSPECTIVAS MUITO POSITIVAS PARA QUE BRASIL E ÁFRICA SE APOIEM NAS SUAS TRAJETÓRIAS DE DESENVOLVIMENTO

There are also many business opportunities to explore, starting with trade between Brazil and African countries, which remains relatively low. The improvement of financing instruments and guarantees and the promotion of connections between the private sectors on both sides of the Atlantic can and should contribute to the expansion of trade relations.

The outlook for direct investment is also wide. This includes greenfield investments and acquisitions and international expansion of companies. In general, the private sector of Brazil and the African countries have a domestic focus, not valuing the opportunities of expansion and use of mutual benefits.

In short, there are very positive prospects for Brazil and Africa to rely on their developmental trajectories. Fostering increasingly favorable environments for the flourishing of opportunities and working together to broaden the knowledge bridges and economic relations between Brazil and Africa are intrinsic parts of this agenda.

COMBATE À FOME

O Rural Transformation Seminar, realizado em Brasília no dia 25 de julho, definiu os tópicos para a discussão na Conferência Internacional sobre Cooperação Sul-Sul e Triangular, que vai ocorrer em novembro deste ano. O encontro, organizado pelo FIDA e pelo Ministério do Planejamento Desenvolvimento e Gestão, busca estreitar os laços com as diversas entidades dos setores público e privado brasileiros que atuam no combate à pobreza e às situações de fragilidade no meio rural.

FIGHT AGAINST HUNGER

The Rural Transformation Seminar, held in Brasilia on July 25, defined the topics for discussion at the International Conference on South-South and Triangular Cooperation, to be held in November. The meeting, organized by the International Fund for Agricultural Development (IFAD) and the Ministry of Planning, Development and Management of Brazil, seeks to strengthen ties with the various entities of the Brazilian public and private sectors that work in the fight against poverty and situations of fragility in rural areas.

ERRATA

Erramos na edição número 10 as seguintes informações. Na página 50, o nome correto é Diogo Caldeira e não como está escrito. Na página 51, o nome correto é Haroldo Castro. E na página 56 publicamos de forma incorreta o nome de Mona Bamburusema.

We made the following errors in issue 10. On page 50, the correct name is Diogo Caldeira and not as it is written. On page 51, the correct name is Haroldo Castro. On page 56 we incorrectly publish the name of Mona Bamburusema.

FOTOS: TEDROS/OMS

OMS TERÁ PRIMEIRO CHEFE AFRICANO

O etíope Tedros Adhanom Ghebreyesus será o primeiro africano a liderar a Organização Mundial de Saúde (OMS). Ele foi eleito para o cargo de diretor-geral durante a 70ª Assembleia Mundial da Saúde pelos Estados-membros da Organização. Ghebreyesus foi ministro das Relações Exteriores, de 2012 a 2016, e ministro da Saúde, de 2005 a 2012, e agora

WHO WILL HAVE FIRST AFRICAN DG

Ethiopian Tedros Adhanom Ghebreyesus will be the first African to lead the World Health Organization (WHO). He was elected to the post of Director General during the 70th World Health Assembly by the Member States of the Organization. Ghebreyesus was Minister of Foreign Affairs from 2012 to 2016 and Minister of Health from 2005 to 2012, and now

ABC LANÇA PUBLICAÇÕES SOBRE COOPERAÇÃO SUL-SUL

A Agência Brasileira de Cooperação (ABC) lançou três publicações para discutir os caminhos da cooperação brasileira para o desenvolvimento, estratégias para monitorar e avaliar Cooperação Sul-Sul e a atuação da ABC durante os anos de existência. Os três livros estão disponíveis online no site da ABC e fazem parte das comemorações dos 30 anos da agência.

ABC LAUNCHES PUBLICATIONS ON SOUTH-SOUTH COOPERATION

The Brazilian Cooperation Agency (ABC) has launched three publications to discuss the ways of Brazilian cooperation for development, strategies to monitor and evaluate South-South Cooperation and ABC's actions during its existence. The three books are available online on ABC's website and are part of the agency's 30-year anniversary.

TO BE ECONOMICALLY FEASIBLE, ENVIRONMENTALLY SOUND AND SOCIALLY JUST.

The technological advance of agriculture in the tropics has transformed these regions into new poles of food production, which will play an important role in meeting the growing demand arising from the population increase, predicted for 9.0 billion inhabitants by 2030. Since its Founded in 1978, contributes to the world's agricultural and socioeconomic development - especially in Brazil, the African continent and tropical countries.

O avanço tecnológico da agricultura nos trópicos tem transformado estas regiões em novos polos de produção de alimentos, que terão um papel importante para atender à crescente demanda advindo do aumento populacional, previsto para 9,0 bilhões de habitantes em 2030. A CAMPO, desde sua fundação em 1978, contribui para o desenvolvimento agrícola e socioeconômico mundial – com destaque para o Brasil, o continente africano e países tropicais.

CAMPO

Plant Biotechnology Center

Agricultural and Environmental Consulting

Farm

Agricultural and Environmental Technology Center

consultoria@campo.com.br

www.**campo**.com.br

FOTOS: IFAD/FIDA

GILBERT HOUNGBO

“QUERO FOCO NOS MAIS POBRES”

GILBERT HOUNGBO

“I WANT FOCUS ON THE POOR”

POR/BY GUSTAVO AUGUSTO-VIEIRA & ANA VITÓRIA REIS

Gilbert Foussoun Houngbo assumiu a presidência do FIDA, Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola, no dia 1° de abril de 2017. Com poucos meses na organização, Gilbert já tem em mente seus objetivos. "Quero garantir que o FIDA mantenha seu foco nos países mais pobres. E nós colocamos ênfase especial nos grupos mais marginalizados, tais como mulheres e jovens", aposta.

Nascido na área rural do Togo, Gilbert sempre contou com o esforço dos pais para ter uma boa formação escolar. Hoje, aos 56 anos, possui Mestrado em Gestão de Empresas pela Universidade de Lomé, no Togo, e diploma de Estudos Superiores em Contabilidade Especializada pela Universidade do Quebec, no Canadá.

De 1996 a 2008, atuou no Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD). Entre os anos de 2008 e 2012, serviu como Primeiro Ministro de seu país. Em 2013, trabalhou na Organização Internacional do Trabalho (OIT) como vice-diretor geral.

Com mais de 30 anos trabalhando com a promoção da melhora de vida em regiões vulneráveis do mundo, Gilbert agora utiliza seu conhecimento em diplomacia, gestão financeira e desenvolvimento internacional para guiar o FIDA. Em entrevista para a revista ATLANTICO, ele fala sobre seu mandato e as expectativas para o futuro da instituição além da experiência pioneira do Brasil com agricultura e como este legado inspira outras nações.

ATLANTICO – Quais prioridades o senhor definiu para seu primeiro mandato?

GILBERT HOUNGBO - Minha prioridade é ampliar o programa do FIDA de trabalho e o impacto do FIDA na redução da pobreza - particularmente a pobreza extrema - através do apoio às atividades agrícolas e não-agrícolas. A pobreza e a fome estão concentradas em áreas rurais. Os pequenos agricultores são fundamentais para alcançar a segurança alimentar global, mas enfrentam uma ampla gama de desafios, desde a falta de infraestrutura e acesso a mercados e finanças, aos impactos da mudança climática e insegurança sobre o direito à terra e a outros recursos. Gostaria de ter certeza de que podemos aumentar o acesso

"NÓS TEMOS QUE TER CERTEZA DE QUE A AGRICULTURA E O DESENVOLVIMENTO RURAL PERMANEÇAM NO TOPO DA AGENDA GLOBAL"

"SO WE ALSO HAVE TO MAKE SURE THAT AGRICULTURE AND RURAL DEVELOPMENT REMAIN HIGH ON THE GLOBAL AGENDA"

Gilbert Foussoun Houngbo took charge of the presidency of the International Fund for Agricultural Development - IFAD, on April 1st, 2017. With just a few months in the organization, Houngbo already has his goals in mind. "I want to ensure IFAD's focus on the poorest countries. And we put special emphasis on the most marginalized groups, such as women and young people", he says.

Born in rural area of Togo, Gilbert has always relied on his parents efforts to get a good education. Today, at the age of 56, he holds a Master's Degree in Business Management from the University of Lomé in Togo and a Diploma in Advanced Studies in Specialized Accounting from the University of Quebec in Canada.

From 1996 to 2008, he worked in the United Nations Development Program (UNDP). Between 2008 and 2012, he served as Prime Minister of his country. In 2013, he worked at the International Labor Organization (ILO) as deputy director-general.

With over 30 years working to promote better living in vulnerable regions of the world, Gilbert now uses his expertise in diplomacy, financial management and international development to guide IFAD. In an interview for ATLANTICO magazine, he talks about his mandate and the expectations for the institution's future and the pioneering Brazilian experience in agriculture and how this legacy inspires other nations.

ATLANTICO - What will be your main priorities during your first term of office?

GILBERT HOUNGBO - My priority is to scale up IFAD's programme of work and IFAD's impact on reducing poverty — particularly extreme poverty — through support for agriculture and non-farming activities. Poverty and hunger are concentrated in rural areas. Smallholder farmers are key to achieving global food security, but they face a wide spectrum of challenges, from lack of infrastructure and access to markets and finance, to impacts of climate change and insecure rights to land and other resources. I would like to make sure that we increase access to finance for smallholders, help them address productivity

ao financiamento para os pequenos produtores, ajudá-los a enfrentar os desafios de produtividade, incentivar soluções inteligentes para a agricultura, e melhorar o seu acesso aos mercados. Quero garantir que o FIDA mantenha seu foco nos países mais pobres, e nós colocamos ênfase especial nos grupos mais marginalizados, como mulheres e jovens. Eu também vou focar na ampliação da base de recursos do FIDA, e trabalhar com o setor privado para permitir que os pequenos agricultores possam aumentar a produtividade, obter acesso à tecnologia e informação, e melhorar seus meios de subsistência. Estamos alinhando nosso modelo de negócio e para aumentar o impacto do FIDA sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, particularmente a erradicação da fome e da pobreza. Há tantas demandas sobre os recursos de desenvolvimento hoje, desde as crises humanitárias até os desafios de segurança para o meio ambiente. O temor é que a agricultura e desenvolvimento, a longo prazo, possam sofrer, apesar de sabermos que a necessidade de alimentos está aumentando a cada ano. Então, nós também temos que ter certeza de que a agricultura e o desenvolvimento rural permaneçam no topo da agenda global.

ATLANTICO - O fato de o senhor vir do campo contribui, de alguma forma, em suas atividades como administrador? De que maneira suas experiências pessoais podem inspirá-lo a se tornar uma pessoa chave para o desenvolvimento da agricultura em regiões pobres?

GILBERT HOUNGBO - Quando criança, eu rapidamente compreendi a ligação entre capacidade dos meus pais para pagar a minha educação e produção de alimentos. Ficou claro que quando a temporada era boa, quando a produção de inhame e algodão foi maior, meus pais ganhavam mais dinheiro e puderam fornecer o que eu precisava para permanecer na escola. Vi também que meus pais estavam

challenges, encourage climate--smart agriculture, and improve their access to markets. I want to ensure that IFAD maintains its focus on the poorest countries, and we put particular emphasis on the most marginalized groups such as women and youth. I will also focus on broadening the resource base of IFAD, and working with the private sector to enable smallholders to increase productivity, gain access to technology and information, and improve their livelihoods. We are aligning our business model with these goals and to increase IFAD's impact on the Sustainable Development Goals, particularly the eradication of hunger and poverty. There are so many demands on development resources today, from humanitarian crises to security challenges to the environment. The fear is that agriculture and long-term development might suffer, though we know the need for food is increasing every year. So we also have to make sure that agriculture and rural development remain high on the global agenda.

ATLANTICO - Does the fact that you are from the countryside contribute, in any way, to your activities as an executive? In which manner did your personal experiences inspire you to become a key person to the development of agriculture in poor regions?
GILBERT HOUNGBO - As a child,I quickly understood the link between the ability of my parents to pay for my education and food production. It was clear that when the season was good, when the yam and cotton production was higher, my parents would make more money and could provide what I needed to remain in school. I also saw that my parents were ahead of others because they were completely focused on food production. When times were hard, other people would leave their farms and look for quick riches that weren't guaranteed. From my parents I saw the impact of being resilient, of persevering when facing a difficult situation, and not giving up on your dreams. When I was growing up the population of my village was about 2,000 but there was no secondary school. So at 11 years old, I moved 250 kilometers away from my parents to the capital to finish school. It is an adventure that I am very glad to have had, but it was difficult. It helped build my character and gave me a sense of purpose at an early age. From this I learned that we have to work in a way that not only focuses on food security and nutrition, but we also need to connect our work to other dimensions of human development

à frente dos outros, porque eles estavam completamente focados na produção de alimentos. Quando os tempos eram difíceis, outras pessoas deixavam suas fazendas e procuravam o enriquecimento rápido que não era garantido. Dos meus pais, vi o impacto de ser resistente, de perseverar diante de uma situação difícil, e não desistir de seus sonhos. Quando eu estava crescendo, a população da minha aldeia era de cerca de 2 mil habitantes, mas não havia escola secundária. Então, aos 11 anos, me mudei para 250 quilômetros longe de meus pais, para a capital e concluir os estudos. Foi uma aventura que estou muito contente de ter vivido, mas era difícil. Isso ajudou a construir o meu caráter e me deu um senso de propósito em uma idade precoce. Desde então, aprendi que temos que trabalhar de uma forma que não só incide sobre segurança alimentar e nutricional, mas também precisamos conectar nosso trabalho para outras dimensões do desenvolvimento humano - como a educação, a saúde, a segurança, a liberdade e os direitos humanos.

ATLANTICO – De que forma o FIDA pode atuar, de maneira objetiva? Financiando projetos?
GILBERT HOUNGBO - O FIDA é uma instituição financeira, de modo que o fato de eu ter um conhecimento financeiro é um plus, mas não é uma obrigação. O que você precisa, em primeiro lugar, como o chefe de uma organização como o FIDA é liderança e um senso de propósito - para realmente entender o objetivo final e para liderar a equipe para isso. A instituição financeira é construída na confiança, por isso temos a certeza de que a nossa gestão financeira é realmente o estado arte e certificar-se de que os controles de auditoria adequada e uma abordagem fiscal prudente existem. Eu também posso usar minha experiência financeira para nos ajudar a ver como aumentar e aprofundar nossa base de recursos para ampliar o nosso programa global de trabalho, que será fundamental para nossas discussões de reposição.

ATLANTICO - Como é possível tornar o campo mais atraente para os jovens, cada vez mais interessados em atividades urbanas?
GILBERT HOUNGBO - Estou fundamentalmente convencido de que o FIDA tem que ser parte da solução quando se trata do desafio da migração global que o mundo enfrenta. A falta de oportunidade é muitas vezes o que leva as pessoas a migrar, incluindo das áreas rurais - cerca de 40 por cento das remessas (as remessas enviadas pelos migrantes) são enviados de volta para as comunidades rurais. A agricultura pode ser uma profissão viável para jovens rurais, mas apenas se ultrapassar os constrangimentos e desafios enfrentados pelas áreas rurais hoje. Se apoiarmos investimentos direcionados para as necessidades dos jovens, certificando-se que eles têm acesso ao financiamento, a formação no mais atualizado e técnicas agrícolas sustentáveis e acesso à tecnologia moderna, eles serão capazes de ver um futuro em uma configuração rural em vez de querer se deslocar para cidades ou no exterior.

ATLANTICO - Qual é a relação entre capacitação feminina e desenvolvimento agrícola?
GILBERT HOUNGBO - As mulheres que vivem nas zonas rurais são agentes-chave da mudança na construção de um mundo sem fome. As mulheres e as meninas desempenham um papel crucial na realização da Agenda para o Desenvolvimento Sustentável de 2030, e em particular, o objetivo de erradicar a fome e a pobreza extrema. Por um lado, as mulheres representam 43% da força de trabalho agrícola e são cada vez mais as agricultoras do mundo em desenvolvimento. No entanto, elas são particularmente desfavorecidas, em áreas como o acesso a finanças e serviços e garantia aos direitos de posse da terra. Temos amplas provas de todo o mundo que uma maior capacitação das mulheres nas áre-

"A AGRICULTURA PODE SER PROFISSÃO VIÁVEL PARA JOVENS, MAS APENAS SE ULTRAPASSAR OS CONSTRANGIMENTOS E DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS ZONAS RURAIS HOJE"

"AGRICULTURE CAN BE A VIABLE PROFESSION FOR YOUNG RURAL PEOPLE, BUT ONLY IF WE OVERCOME THE CONSTRAINTS AND CHALLENGES FACING RURAL AREAS TODAY"

– such as education, health, security, freedom and human rights.

ATLANTICO - How IFAD can act, objectively? Financing projects?
GILBERT HOUNGBO - IFAD is a financial institution, so the fact that I have a financial background is a plus, but it is not a must. What you need, first and foremost, as the head of an organization like IFAD is leadership and a sense of purpose – to really understand the ultimate goal and to lead the team towards this. A financial institution is built on trust, so we have to make sure that our financial management is really state-of-the-art and make sure that proper audit controls and a fiscally--prudent approach is in place. I can also use my financial experience to help us to see how to broaden and deepen our resource base to scale up our overall programme of work, which will be central to our replenishment discussions.

ATLANTICO - How is it possible to make the countryside more attractive to the youth, increasingly more interested in urban activities?
GILBERT HOUNGBO - I am fundamentally convinced that we at IFAD have to be part of the solution when it comes to the global migration challenge the world is facing. Lack of opportunity is often what drives people to migrate, including from rural areas - some 40 per cent of remittances (the money migrants send home) are sent back to rural communities. Agriculture can be a viable profession for young rural people, but only if we overcome the constraints and challenges facing rural areas today. If we support investments targeted toward the needs of young people, making sure that they have access to finance, training in the most up to date and sustainable agricultural techniques, and access to modern technology, they will be able to see a future in a rural setting instead of looking to move to cities or abroad.

ATLANTICO - What is the relationship between female empowerment and agricultural development?
GILBERT HOUNGBO - Rural women are key agents of change in building a world without hunger. Women and girls play a crucial role in achieving the 2030 Agenda for Sustainable Development, and in particular, the goal of eradicating hunger and extreme poverty. For one thing, women make up 43 per cent of the agricultural workforce and are more and more the farmers of the developing world. And yet, they are particularly disadvantaged, in areas ranging from access to finance and services to secure land tenure rights. We have ample evidence from around the world that greater empowerment of women in rural and urban areas leads to higher economic growth and a better quality of life for women and men alike. It also improves the nutrition of children and families. But despite progress, it is still the case today that rural women's double burden of farm labor and unpaid domestic work prevents them from participating fully and fairly in income--generating activities. Improving rural women's access to technologies that save time and labor is essential to reducing their workloads. Transforming gender relations within the family is also crucial to empowering women and enabling them to make decisions about their lives. This is why IFAD is mainstreaming a gender focus throughout all the investment projects it supports.

ATLANTICO - How does IFAD see the Brazilian experience in family farming and what can other countries learn from it?
GILBERT HOUNGBO - Brazil has been a leader in terms of poverty reduction and fight against hunger in recent decades, and a champion of innovative rural development policies and programmes. Since the second half of the 1990s, Brazil has

as rurais e urbanas leva a um maior crescimento econômico e a uma melhor qualidade de vida para mulheres e homens. Também melhora a nutrição de crianças e famílias. Mas, apesar do progresso, ainda é o caso hoje que a dupla jornada de trabalho agrícola e o trabalho doméstico não remunerado as impede de participar de forma plena e justa em atividades geradoras de renda. Melhorar o acesso das mulheres rurais às tecnologias que economizam tempo e trabalho é essencial para reduzir suas cargas de trabalho. Transformar as relações de gênero dentro da família também é crucial para capacitar as mulheres e permitir que elas tomem decisões sobre suas vidas. É por isso que o FIDA está incorporando um foco de gênero em todos os seus projetos de investimento.

ATLANTICO - Como é que o FIDA vê a experiência brasileira em agricultura familiar e o que outros países podem aprender disso?
GILBERT HOUNGBO - O Brasil tem sido um líder em termos de redução da pobreza e combate à fome nas últimas décadas, e um campeão de políticas de desenvolvimento rural e programas inovadores. Desde a segunda metade dos anos 1990, o Brasil cada vez mais abordou a questão da pobreza. Os programas Fome Zero e o Brasil sem Miséria, entre outros, têm melhorado a vida de milhões de pessoas. A agricultura familiar é vital para a produção de alimentos básicos do Brasil, empregando três quartos da força de trabalho agrícola e responsável por um terço da renda agrícola. É um lembrete de que os agricultores familiares são essenciais para alimentar o mundo. O Brasil desenvolveu uma série de políticas públicas, incluindo serviços financeiros específicos e programas de compras públicas, para apoiar a agricultura familiar. Os agricultores familiares estão agora no centro da estratégia de redução da pobreza do governo, ambos são beneficiários e fornecedores de alimentos e o Brasil tentou dar aos agricultores as ferramentas que eles precisam para ter sucesso. Através do FIDA, MERCOSUL e da REAF (Comissão Especializada do MERCOSUL para a agricultura familiar), o FIDA também contribuiu para compartilhar a experiência do Brasil com outros países em desenvolvimento, tanto na América Latina e no Caribe e em todo o mundo.

ATLANTICO – O senhor disse: "Temos de demonstrar que cada dólar investido terá o maior valor para o dinheiro". Quais são, de fato, os desafios para que isso realmente ocorra? Como pode garantir um retorno positivo?
GILBERT HOUNGBO - Por um lado eu realmente vou ter que estimular o pessoal e os conhecimentos que temos no FIDA. O fato do FIDA ser pequeno e ágil é uma força. Precisamos maximizar a forma como usamos essa força. Em segundo lugar, nós precisamos mostrar para os nossos principais financiadores que nós podemos fazer mais - e não apenas por dizer isso, mas fazendo de fato. Então, precisamos entregar mais e ao mesmo tempo aumentar a nossa base de recursos - e todo o tempo certificando-se de que vamos entregar de uma forma que é impactante.

ATLANTICO – Quais os potenciais que o senhor apontaria no FIDA, considerando suas características peculiares como organismo?
GILBERT HOUNGBO - O FIDA trabalha em algumas das áreas mais remotas do mundo, e em ambientes difíceis e situações de fragilidade. Nós vamos onde outras agências de desenvolvimento não vão. Mas precisamos ter certeza de que estamos a trabalhar de forma tão eficaz e eficiente possível. O FIDA continua a atualizar sua plataforma de entrega de serviços para apoiar o modelo de negócio em evolução, e nós estamos descentralizando ao nos aproximar dos clientes que atendemos. Estamos aumentando nosso foco em resultados, na eficácia do desenvolvimento e inovação. No final, os governos e os contribuintes querem ver resultados, e isso é uma pressão positiva sobre o que fazemos.

"AS MULHERES RURAIS SÃO AGENTES DE MUDANÇA FUNDAMENTAIS NA CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO SEM FOME"

"RURAL WOMEN ARE KEY AGENTS OF CHANGE IN BUILDING A WORLD WITHOUT HUNGER"

increasingly addressed the issue of poverty. The Zero Hunger and Brazil without Poverty programmes, among others, have improved the livelihoods of millions of people. Family farming is vital for Brazil's staple food production, employs three quarters of the farm labor force and is responsible for one third of agricultural income. It is a reminder that family farmers are essential to feeding the world. Brazil has developed a number of public policies, including dedicated financial services and public purchases programmes, to support family farming. Family farmers are now central to the government's poverty reduction strategy, as both beneficiaries and as food suppliers. Brazil has tried to give farmers the tools they need to succeed. Through FIDA, MERCOSUR and REAF [i.e. MERCOSUR's Specialized Commission for Family Farming], IFAD has also contributed to sharing Brazil's experience both within the country's regions within Brazil and outside with other developing countries, both in Latin America and the Caribbean and around the world.

ATLANTICO - You also said: "We have to demonstrate that every dollar invested will have the highest value for money". What are, in fact, the challenges for that to really occur? How can you ensure a positive return?

GILBERT HOUNGBO - On the one hand I will really have to galvanize the staff and the expertise we have at IFAD. The fact that IFAD is small and agile is a strength. We need to maximize how we use that strength. Secondly, we need to make our case to our major resource providers that we can do more – not by saying it, but by doing it. So we need to deliver more and at the same time increase our resource base - and all the while making sure that we deliver in a way that is impactful.

ATLANTICO - What potential would you suggest in IFAD, considering its very specific characteristics as an agency?

GILBERT HOUNGBO - IFAD works in some of the most remote areas of the world, and in difficult environments and fragile situations. We go where other development agencies don't. But we need to be sure that we are working as effectively and efficiently as possible. IFAD is continuing to upgrade its service delivery platform to support the evolving business model, and we are decentralizing to get closer to the clients we serve. We are heightening our focus on results, development effectiveness and innovation. In the end, governments and taxpayers want to see results, and that's a positive pressure on what we do.

PETRÓLEO, A NOVA ESTRATÉGIA DO BRASIL PARA A ÁFRICA

OIL, BRAZIL'S NEW STRATEGY FOR AFRICA

FOTOS: AGÊNCIA PETROBAS

A Petrobras anunciou recentemente que vai vender a Refinaria de Pasadena, nos Estados Unidos, e sua participação na Petrobras Oil & Gas B.V., proprietária de ativos na África. As vendas, segundo a estatal, estão no plano de desinvestimentos, que prevê a oferta de ativos e uma meta de parcerias de US$ 21 bilhões para o biênio 2017-2018. Os ativos podem gerar interesse de grandes empresas de petróleo que procuram expandir negócios no continente e de investidores financeiros.

"O atual recuo significa a perda de um importante instrumento de aproximação do Brasil com países africanos, em que tanto o Brasil perde, em função da redução de investimento no setor, como também devido à importância estratégica que as relações com a África têm para o país", avalia Isadora Caminha Coutinho, pesquisadora do Centro Brasileiro de Estudos Africanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS). "Os países africanos também sofrem com a retirada da empresa, que investe em setores estratégicos naquele continente", complementa.

UMA HISTÓRIA ANTIGA

A Petrobras atua no continente africano desde os anos 1970, quando a empresa passou a estabelecer bases sólidas em Angola, principalmente em função de um contexto específico da política externa, favorável para isso, em que se buscava estreitar laços com países periféricos, mas também de maneira a contornar a conjuntura de crise mundial do petróleo, dado que o Brasil era altamente dependente da importação do recurso. Na época, o governo brasileiro impulsionou a busca por respostas nacionais, como investir em um amplo plano econômico de caráter desenvolvimentista, o que foi importante para o crescimento da Petrobras e para sua trajetória de inserção internacional. Por meio da estatal, o país passou a investir em pesquisa e tecnologia, alavancando avanços crescentes nessa área e possibilitando o desenvolvimento de tecnologia pioneira pela empresa.

Contudo, a África passou efetivamente a ser foco prioritário da Petrobras somente nos anos 2000, com o governo de Luiz Inácio Lula da Silva. "O grau de participação foi

Petrobras recently announced that it will sell the Pasadena Refinery in the United States and its stake in Petrobras Oil & Gas B.V., which owns assets in Africa. Sales, according to the government owned company, are in the divestment plan, which provides for the supply of assets and a partnership goal of $ 21 billion for the 2017-2018 biennium. Assets can generate interest from major oil companies seeking to expand business on the continent and from financial investors.

"The current retreat means the loss of an important instrument of Brazil's approach to African countries, in which Brazil loses, both due to the reduction of investment in the sector, but also because of the important strategic relations of Africa for the Country, "says Isadora Caminha Coutinho, a researcher at the Brazilian Center for African Studies at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFGRS). "African countries are also suffering from the departure of the company, which invests in strategic sectors in that continent," she added.

AN OLD STORY

Petrobras has been operating in the African continent since the 1970s, when the company started to establish a solid base in Angola, mainly due to a specific foreign policy context, favorable to this, which sought to strengthen ties with peripheral countries, but also to overcome the global oil crisis, given that Brazil was highly dependent on the import of the resource. At the time, the Brazilian government stimulated the search for national responses, such as investing in a broad developmental economic plan, which was important for Petrobras' growth and for its international insertion trajectory. Through the state company, the country began to invest in research and technology, leveraging growing advances in this area and enabling the development of technology pioneered by the company.

However, Africa was effectively the focus of Petrobras only in the 2000s, under the Presidency of Luiz Inácio Lula da Silva ."The level of participation was expanded,

ampliado, inserido em um contexto em que o desenvolvimento e política externa estavam agindo em maior consonância, com apoio público para a internacionalização de empresas como a Petrobras", explica a pesquisadora. "Com a descoberta do pré-sal, houve maior interesse ainda na costa africana, onde a existência de semelhança com a costa brasileira em termos geológicos indica que potencialmente lá se encontram recursos petrolíferos na camada de pré-sal, ou seja, ideal para a presença da estatal". Foi dentro desse contexto que a atuação da Petrobras no continente africano foi significativamente ampliada – não só na costa do continente onde já estava localizada em Angola e na Nigéria (onde a empresa ingressou no fim dos anos 1990) mas também para países como Tanzânia, Líbia, Guiné Equatorial, Moçambique e Senegal.

UM MERCADO COMPLEXO

Na última década, a produção de petróleo cresceu mais rapidamente na África do que em qualquer outra região. A produção de gás, por sua vez, só perde para o Oriente Médio em rapidez de crescimento. Os aumentos de produção vieram principalmente do petróleo em águas profundas em Angola e na Nigéria, juntamente com novas fontes em países como o Chade e o Sudão, bem como o gás offshore no Egito. Esse ambiente atraiu novos players, como pequenas empresas petrolíferas independentes (como Addax, Heritage Oil e Tullow Oil), que fizeram descobertas bem sucedidas em bacias emergentes. As companhias nacionais de petróleo de fora de África, incluindo a China (CNPC, CNOOC, Sinopec), Malásia (Petronas) e a Rússia (Gazprom) também investem agressivamente no continente, graças, principalmente, à sua competitividade em termos de custo em relação às suas próprias regiões.

Nos próximos anos, a produção de petróleo em águas profundas continuará a crescer (no Golfo da Guiné, por exemplo), enquanto que o desenvolvimento de novos recursos de gás em terra e desenvolvimento de novos recursos em produtores emergentes de hidrocarbonetos da África Oriental (como o Uganda) deverá se tornar o principal mecanismo de crescimento. "Com quase 12% da produção mundial de petróleo e incorporando novas áreas de pesquisa de petróleo e gás bastante favoráveis, a África poderia legitimamente ocupar o posto de maior produtor mundial de hidrocarbonetos. Isoladamente, os países africanos são incapazes de lutar em igualdade de condições contra outros players internacionais, mas com o seu potencial, o continente unido possui uma estatura de

EVASÃO DE DIVISAS

A compra pela Petrobras da refinaria de petróleo em Pasadena, Texas (EUA), em 2006, é investigada por superfaturamento, à época, e evasão de divisas. Em 2006, a Petrobras pagou US$ 360 milhões por 50% da refinaria. O valor foi maior do que o pago um ano antes pela belga Astra Oil pela refinaria toda, no valor de US$ 42,5 milhões. Por causa das cláusulas do contrato, a estatal foi obrigada a comprar toda a unidade, o que resultou em um gasto total de US$ 1,18 bilhão. Em 2013, as autoridades brasileiras iniciaram uma apuração sobre suspeitas de irregularidades na compra. No ano seguinte, o tribunal determinou a devolução de US$ 792,3 milhões aos cofres da Petrobras pelos prejuízos causados ao patrimônio da empresa por causa do negócio.

inserted in a context in which development and foreign policy were acting in greater consonance, with public support for the internationalization of companies such as Petrobras," explains the researcher. "With the discovery of the pre-salt, there was still greater interest in the African coast, where the existence of similarity with the Brazilian coast in geological aspects indicates that potentially there are oil resources in the pre-salt layer, that is, ideal for the Presence of the state. in this context.Petrobras' performance on the African continent was significantly expanded - not only on the coast of the continent where it was already located in Angola and Nigeria (where the company started in the late 1990s) but also in countries such as Tanzania, Libya, Equatorial Guinea, Mozambique and Senegal.

A COMPLEX MARKET

In the last decade, oil production has grown more rapidly in Africa than in any other region. On the other hand, gas production In rapid growth only loses to the Middle East. Output increases came mainly from deep-water oil in Angola and Nigeria, along with new sources in countries such as Chad and Sudan, as well as offshore gas in Egypt. This environment has attracted new players, such as small independent oil companies (such as Addax, Heritage Oil and Tullow Oil), which have made successful discoveries in emerging basins. National oil companies from outside Africa, including China (CNPC, CNOOC, Sinopec), Malaysia (Petronas) and Russia (Gazprom) also aggressively invest in the continent, thanks in particular to the cost competitiveness relative to their own regions.

In the coming years, oil production in deep waters will continue to grow (in the Gulf of Guinea, for example), while the development of new ground gas resources and development of new resources in hydrocarbon producers in East African Uganda should become the main growth driver. "With almost 12% of world oil production and incorporating new areas of oil and gas research quite favorable, Africa could legitimately occupy the position of the world's largest producer of hydrocarbons. Separately, African countries are unable to fight on an equal footing against other international players, but with their potential the continent,as a united body has a stature as a global player, "said Mahaman Laouan Gaya, former Executive Secretary of the Association of Petroleum Producers (APPA) and an inter-

CURRENCY EVASION

The acquisition by Petrobras of the oil refinery in Pasadena, Texas, in 2006, is investigated for overbilling and currency evasion. In 2006, Petrobras paid US $ 360 million for 50% of the refinery. The amount was higher than the one paid by Belgium's Astra Oil for the entire refinery, totaling US $ 42.5 million. Because of the terms of the contract, the state-owned company was forced to buy the whole unit, which resulted in a total expense of $ 1.18 billion. In 2013, Brazilian authorities began a investigation on suspicions of irregularities in the purchase. In the following year, the court ordered the return of US $ 792.3 million to Petrobras to offset losses caused to the company's equity due to the business.

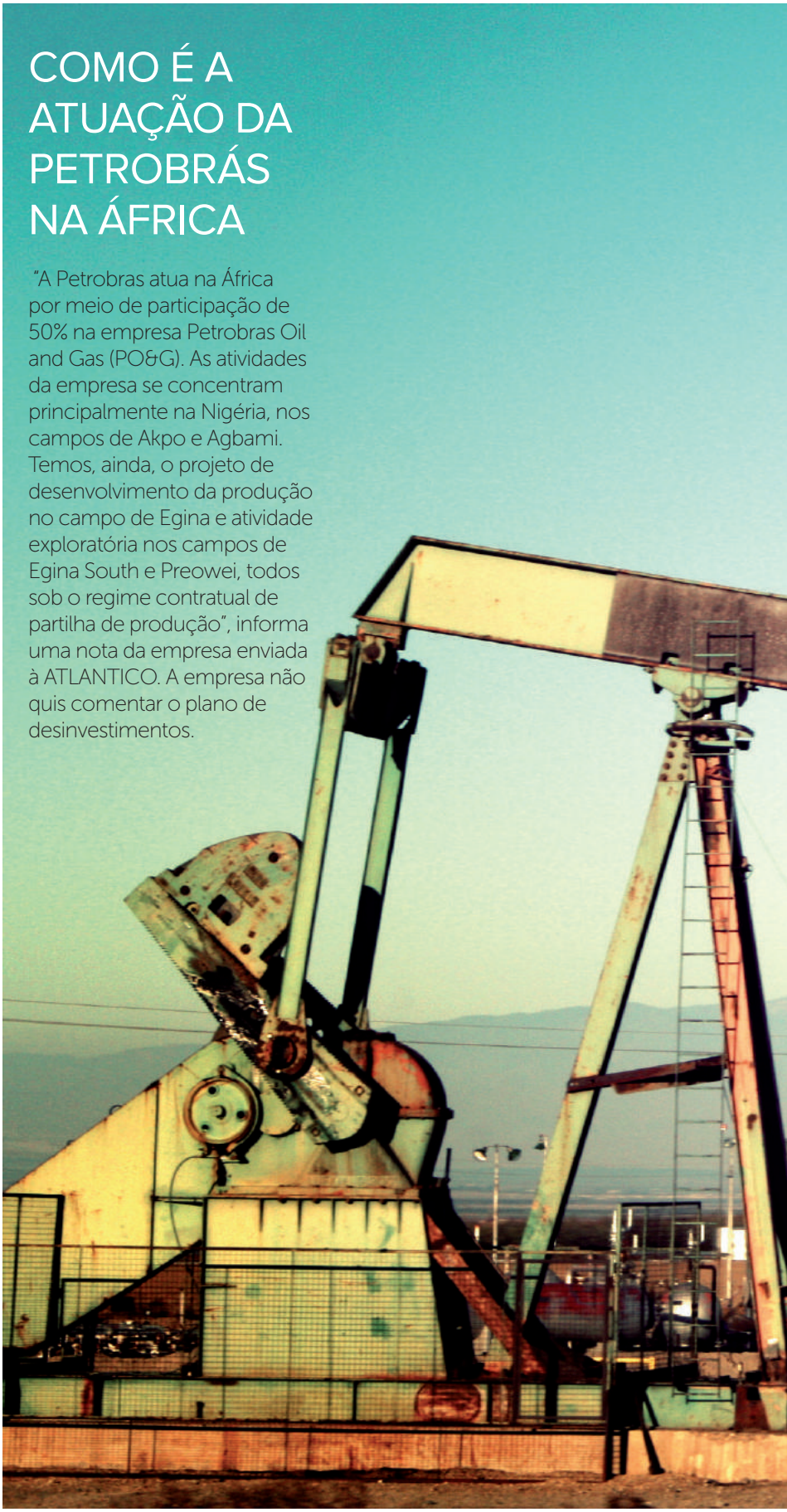
player mundial", revela Mahaman Laouan Gaya, ex-Secretário Executivo da Associação de Produtores de Petróleo da África (APPA) e especialista internacional em energia e petróleo do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

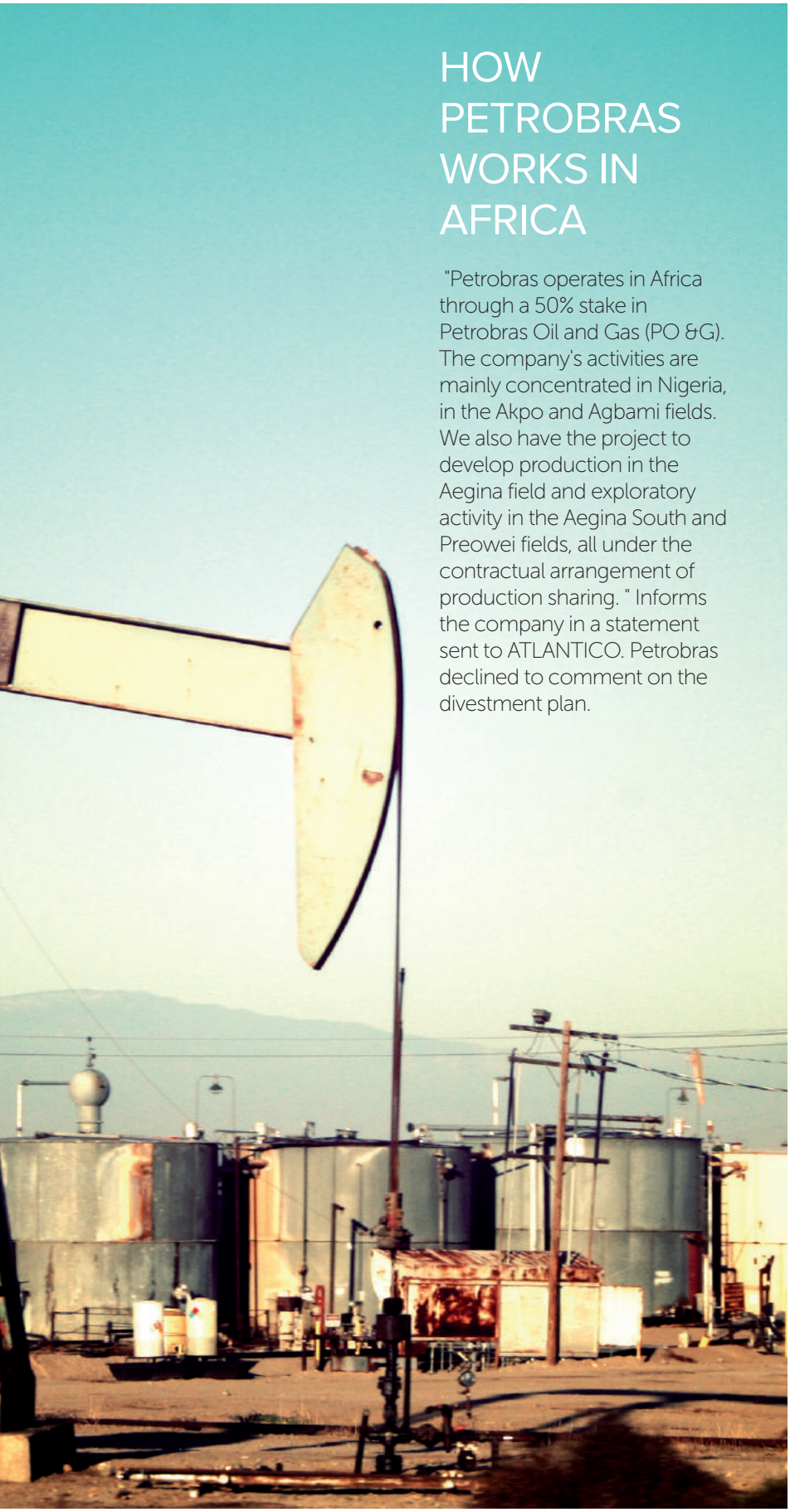
No entanto, os exportadores de petróleo da África subsaariana, que representam quase metade da produção agregada da região, foram duramente atingidos pelo forte declínio no preço do petróleo, que caiu quase 50 por cento e permaneceu baixo apesar de uma lenta tendência de recuperação. O crescimento na produção da região deve aumentar de 2,6% em 2017 para 3,5% em 2019, refletindo uma modesta recuperação de Angola, Nigéria e África do Sul, segundo projeções do Banco Mundial. Mas há quem faça projeções ainda mais negativas e, por isso, defenda mais competitividade no setor.

A África Sub-saariana, que atualmente produz quase cinco milhões de barris por dia, pode ver a produção cair para 2,6 milhões em 2030 devido ao desinvestimento dos grandes produtores. "Os cortes na exploração na região vão também contribuir para uma descida da produção a longo prazo, já que os produtores afastaram-se de novas descobertas, preferindo apostar nas já existentes", disse Femi Oso, investigador principal da consultoria Wood Mackenzie para a região, apontando, no entanto, que "a recente confirmação da gigantesca descoberta do campo Owowo (estimada em mil milhões de barris), na Nigéria, mostra bem a qualidade dos recursos naturais que a África subsaariana ainda tem para oferecer". Ainda segundo a consultoria, Angola e Nigéria vão ser os países mais afetados pela quebra do investimento no setor petrolífero, pois a exploração de petróleo nestes países é feita em águas ultra-profundas, tendo por isso um custo mais elevado. "Os governos na África subsaariana têm de reavivar a indústria de exploração de petróleo, oferecendo vantagens fiscais atrativas em vez de procurar aumentar as receitas fiscais no actual contexto", aposta Oso.

COMO É A ATUAÇÃO DA PETROBRÁS NA ÁFRICA

"A Petrobras atua na África por meio de participação de 50% na empresa Petrobras Oil and Gas (PO&G). As atividades da empresa se concentram principalmente na Nigéria, nos campos de Akpo e Agbami. Temos, ainda, o projeto de desenvolvimento da produção no campo de Egina e atividade exploratória nos campos de Egina South e Preowei, todos sob o regime contratual de partilha de produção", informa uma nota da empresa enviada à ATLANTICO. A empresa não quis comentar o plano de desinvestimentos.





HOW PETROBRAS WORKS IN AFRICA

"Petrobras operates in Africa through a 50% stake in Petrobras Oil and Gas (PO &G). The company's activities are mainly concentrated in Nigeria, in the Akpo and Agbami fields. We also have the project to develop production in the Aegina field and exploratory activity in the Aegina South and Preowei fields, all under the contractual arrangement of production sharing. " Informs the company in a statement sent to ATLANTICO. Petrobras declined to comment on the divestment plan.

national expert on energy and oil from the United Nations Development Program (UNDP).

However, oil exporters from sub--Saharan Africa, which account for nearly half of the region's aggregate output, were hit hard by the sharp decline in oil prices, which fell nearly 50 percent and remained low despite a slow recovery. According to the World Bank projections,an output growth in the region is expected to increase from 2,6% in 2017 to 3,5% in 2019, reflecting a modest recovery in Angola, Nigeria and South Africa. But there are those who make projections even more negative and, therefore, defend more competitiveness in the sector.

Sub-Saharan Africa, which currently produces nearly five million barrels per day, can see output drop to 2.6 million by 2030 due to the divestment of large producers. " Cutting in the exploration in the region will also contribute to a long-term decline in production, as producers companies have moved away from new discoveries, preferring to focus on existing ones," said Femi Oso, principal researcher or Wood Mackenzie consultancy in the region. However, she points out that "the recent confirmation of the gigantic Owowo discovery (estimated at 1 billion barrels) in Nigeria shows well the quality of the natural resources that sub-Saharan Africa has yet to offer." According to the consultancy, Angola and Nigeria will be the countries most affected by the drop in investment in the oil sector, because oil exploration in these countries is carried out in ultra-deep waters, thus having a higher cost. "Governments in sub-Saharan Africa have to revive the oil exploration industry by offering attractive fiscal advantages rather than seeking to raise tax revenues in the current context," says Oso.

BRASIL DEVE CONSOLIDAR POSIÇÃO DE EXPORTADOR DE PETRÓLEO

Diante das expectativas de elevação da demanda de combustíveis nos próximos anos, o Brasil poderá se consolidar na posição de exportador líquido de petróleo e importador líquido de derivados, principalmente óleo diesel e querosene de aviação. A opinião é do diretor de Estudos do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), José Mauro Coelho, e foi manifestada no final de junho um evento da companhia, no Rio de Janeiro.

Na avaliação da EPE, empresa vinculada ao Ministério de Minas e Energia do Brasil, o sucesso exploratório e a alta produtividade da área do pré-sal podem determinar o crescimento da produção nos próximos anos. "Efetivamente a nossa produção de petróleo crescerá muito e deverá chegar em 2026 com extração de cerca de 4,5 a 5 milhões de barris de petróleo equivalente por dia, praticamente dobrando a produção em um horizonte de 10 anos - o que é muito significante", disse Coelho.

BRAZIL SHOULD CONSOLIDATE ITS POSITION AS AN OIL EXPORTER

Based on expectations of rising fuel demand in the coming years,Brazil could consolidate its position of net exporter of oil and net importer of derivatives, mainly diesel and aviation fuel. This is the opinion of José Mauro Coelho, director of Petroleum, Natural Gas and Biofuels Studies at the Energy Research Company (EPE), expressed at the company's event in Rio de Janeiro last June.

In the evaluation of EPE, a company linked to the Ministry of Mines and Energy of Brazil, the exploratory success and high productivity of the pre-salt area can determine production growth in the coming years. "Effectively, our oil production will increase greatly and is expected to reach 2026 with the extraction of about 4.5 to 5 million barrels of oil equivalent per day, practically doubling production over a 10 year horizon - which is very significant",said Coelho.

1ª CONFERÊNCIA ECONÓMICA DO MERCADO CPLP

MAPUTO
18 - 19 DE OUTUBRO DE 2017

Com o objectivo de melhorar a **liberdade de circulação de pessoas, bens, serviços e capitais** no espaço da CPLP, criámos a **1ª Conferência Económica do Mercado CPLP**.

Nos dias 18 e 19 de Outubro vamos debater, propor e partilhar **novas formas de fazer a Lusofonia crescer** e de **aumentar as relações empresariais entre os nove países de língua oficial portuguesa**.

CONFEDERAÇÃO EMPRESARIAL DA CPLP

Avançamos juntos, rumo a um Novo Mercado. Venha connosco.

Local: **Maputo, Montebelo Indy Maputo Congress Hotel**

Mais info: **Telefone:** +351 211 388 006 | **E-mail:** secretariadogeral@cecplp.org

Parceiros:

ABREU ADVOGADOS · BHIKHA & POPAT · HENRIQUES, ROCHA & ASSOCIADOS · JLA. ADVOGADOS · MIRANDA · PIMENTA · PLMJ · SRS · TTA SOCIEDADE DE ADVOGADOS · GUILHERME DANIEL · VIEIRA DE ALMEIDA

Parceiros Media:

RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL · RTP ÁFRICA

CE CPLP CONFEDERAÇÃO EMPRESARIAL DA CPLP

CPLP Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

COMÉRCIO PREDATÓRIO AMEAÇA FUTURO DO MARFIM

PREDATORY TRADE THREATENS FUTURE OF IVORY

FOTO: SOUTH AFRICAN TOURISM

Atualmente, estima-se que haja entre 400 a 700 mil elefantes vivendo na África. Em 1979, esse número chegou a 1,3 milhão. Um terço dessa população foi dizimada entre 2007 e 2014. Essa matança desenfreada está ligada ao mercado ilegal de marfim. Gangues de caçadores chegam a receber US$ 1.100 pelo quilo do material. Embora o comércio internacional de marfim tenha sido proibido em 1989, ainda existe um florescente mercado negro que patrocina o abate de elefantes.

Alarmados com o risco de extinção das espécies e pressionados pelos ambientalistas, os governos dos países africanos aumentaram a vigilância e a punição dos caçadores de elefantes e também dos contrabandistas. Paralelo a isso, a comunidade internacional começa a fechar o cerco contra o comércio de marfim. O mais recente movimento foi o anúncio da China, que prometeu encerrar, até o final de 2017, todo o comércio interno e o processamento do material. Dados de organizações internacionais, como a ONG Traffic apontam que a China representa mais de 70% da procura mundial por marfim africano, material que sempre foi visto como símbolo de status no país, chegando a ser chamado de "ouro branco" por lá.

"Os traficantes de marfim acabam de perder um dos seus maiores mercados", comemora Aili Kang, diretor executivo para Ásia da Wildlife Conservation Society. "Esta é uma grande notícia que vai fechar o maior mercado mundial de marfim de elefante. Estou muito orgulhoso do meu país por mostrar essa liderança que ajudará a garantir que os elefantes tenham uma chance de lutar contra a extinção".

A organização World Wide Fund for Nature (WWF) também elogiou o movimento da China para uma proibição completa, mas convocou o território chinês de Hong Kong a apresentar um plano para acabar com seu comércio de marfim até 2021. "Com o mercado da China fechado, Hong Kong pode se tornar o destino preferido para os traficantes lavarem marfim ilegal sob a cobertura do comércio legal de marfim", disse Cheryl Lo, oficial sênior sobre criminalidade de vida selvagem na WWF.

A maior parte do marfim de contrabando que parte da África transita geralmente pela Malásia, Vietnã, Filipinas ou Hong Kong antes de chegar ao destino final, China e, em menor medida, Tailândia. Por isso, existe um temor

Currently, there are an estimated 400 to 700 thousand elephants living in Africa. In 1979, that figure reached 1.3 million. A third of this population was eliminate between 2007 and 2014. This uncontrolled killing is linked to the illegal ivory market. Hunters' gangs can receive up to $ 1,100 per pound of material. Although international trade in ivory was banned in 1989, there is still a thriving black market that sponsors the killing of elephants.

Alarmed by the risk of species extinction and pressured by environmentalists, governments in African countries have increased the vigilance and punishment of elephant hunters and smugglers as well. Parallel to this, the international community begins to put an end to the ivory trade. The latest move was the announcement by China, which promised to eradicate all domestic trade and processing of the material by the end of 2017. Data from international organizations, such as the NGO Traffic, point out that China accounts for more than 70% of the world's demand for African ivory, a material that has always been a symbol of status in the country, coming to be called "white gold".

"The ivory traders have just lost one of their largest markets," said Aili Kang, Asia Executive Director of the Wildlife Conservation Society. "This is great news that will close the world's largest elephant ivory market. I am very proud of my country for showing such leadership that will help guarantee that elephants have a chance to fight extinction. "

The World-Wide Fund for Nature (WWF) also praised China's move towards a complete prohibition, but called on the Chinese territory of Hong Kong to present a plan to end its ivory trade by 2021. "With China's market closed, Hong Kong may become the preferred destination for traffickers to wash illegal ivory under the cover of legal ivory trade, "said Cheryl Lo, Senior Wildlife Crime Officer at WWF.

Most of the smuggling ivory that leaves from Africa generally passes through Malaysia, Vietnam, the Philippines or Hong Kong before reaching final destination, China and, to a lesser extent, Thailand. Therefore, there is a fear that the closure of the Chinese market will foster the growth of informal markets in other Asian countries. Vietnam, for example, has become, in the last ten years, one of the main illegal ivory markets in the world. This is because a provision of the ban on ivory trading in the Asian country allows any ivory obtained befo-

de que o fechamento do mercado chinês favoreça o crescimento de mercados informais em outros países asiáticos. O Vietnã, por exemplo, tem se tornado, sobretudo nos últimos dez anos, um dos principais mercados ilegais de marfim do mundo. Isso porque uma disposição da proibição do comércio de marfim no país asiático permite que qualquer marfim obtido antes de 1992 seja comercializado legalmente no país. Contudo, os comerciantes ilegais conseguem facilmente burlar a fiscalização.

Os turistas da China continental representaram cerca de 75% dos compradores. Embora o preço do marfim bruto seja o mesmo que na China (entre US$ 889 e US$ 1334 por quilo), os custos indiretos, como a mão-de-obra mais barata, tornam os itens de marfim mais baratos no Vietnã.

A ONG Save The Elephants denuncia a falta de observância da lei nas alfândegas vietnamitas e chinesas nas fronteiras terrestres e o pouco esforço do governo para impedir a venda em bate-papos on-line. "Devemos trabalhar em conjunto com os governos para evitar que os mercados surjam em outros lugares como o Vietnã", enfatiza Iain Douglas-Hamilton, fundador e CEO da Save the Elephants. "Tailândia, em particular, tem feito um grande progresso fechando efetivamente o seu considerável mercado doméstico de marfim", explica Richard Thomas, coordenador global de comunicações da ONG Traffic. "Também oferecemos apoio técnico para a China em seus esforços para fechar seu mercado doméstico".

CONTABILIZANDO OS IMPACTOS

"A cada 15 minutos, um elefante é abatido devido ao valor de suas presas, e nesse ritmo elas desaparecerão para sempre em poucos anos". A declaração é de Danny Auron, diretor de campanhas da plataforma online Avaaz, especializada em petições online. Para ser mais exato, a extinção definitiva da espécie pode ocorrer em apenas 9 anos. Os da-

FOTO: SOUTH AFRICAN TOURISM

	Quantidade	Índice de carcaça	Observações
Angola	3.395	30%	Desde 2005, as populações de elefantes africanos em Angola diminuíram 22 por cento. Uma alta proporção de carcaça indica um aumento provável da caça furtiva.
Botswana	130.451	7%	A população parece ter diminuído 15% desde 2010
Camaroum	148	83%	Sem intervenção é possível que a pequena população, que já está em rápido declínio, possa se extinguir totalmente
Chade	743	17%	A população no Parque Nacional de Zakouma está agora estável após grandes perdas antes de 2010. A população da Reserva do Linder da pasta perdeu 44% de 2010 a 2014.
República Democrática do Congo	1.959	N/A	Desde 2010, esta área viu o segundo declínio populacional mais rápido de qualquer outro país
Etiópia	Pelo menos 799	N/A	Os elefantes não estavam localizados onde eles deveriam estar. Por isso, a área geral foi examinada, mas uma contagem científica não foi realizada.
Quênia	25.959	13%	População relativamente estável
Malawi	Menos de 253	2%	Tendências positivas em dois parques
Mali	Menos que 253	10%	Sem intervenção, é possível que a pequena população aqui possa estar extinta localmente
Moçambique	9.605	32%	Houve um rápido declínio populacional de 53% em cinco anos.
África do Sul	17.433	N/A	População estável
Tanzânia	42.871	26%	Houve um rápido declínio populacional de 60% em 5 anos.
Uganda	4.864	0,5%	Os números aumentaram em relação à população de menos de 800 elefantes que sobreviveram ao auge da caça furtiva nas décadas de 1970 e 1980.
Níger, Burkina Faso e Benim (W-Arli-Pendjari Complex)	8.911	9%	Estima-se que a população dobrou desde 2003.
Zâmbia	21.758	85% no Parque Nacional Sioma Ngwezi; 3% para o resto da Zâmbia	Houve declínios substanciais ao longo do rio Zambeze, mas outras áreas foram estáveis.
Zimbabwe	82.304	8%	No geral, a população caiu 6%. Dentro da região de Sebungwe, as populações caíram 74 %

FOTO: NURIA ORTEGA

	Quantity	Índice de carcaça	Notes
Angola	3.395	30%	Since 2005, African elephant populations in Angola have declined by 22 per cent. A high proportion of carcass indicates a probable increase in poaching.
Botswana	130.451	7%	Since 2010 the population seems to have decreased by 15%
Cameroon	148	83%	Without intervention, it is possible that the small population, which is already in rapid decrease, can be totally extinguished
Chad	743	17%	The population in the Zakouma National Park is now stable after large losses by 2010. The population of the Linder Reserve has declined 44% from 2010 to 2014.
DRC	1.959	N/A	Since 2010, this area has seen the second population decline faster than any other country.
Ethiopia	At least 799	N/A	The elephants were not located where they should be. Thus, the general area was examined, but a scientific score was not taken.
Kenya	25.959	13%	Relatively stable population
Malawi	Less than 253	2%	Positive trends in two parks
Mali	Less than 253	10%	Without intervention, it is possible that the little population may be extinct locally
Mozambique	9.605	32%	There was a rapid population decline of 53% in five years.
South Africa	17.433	N/A	Stable population
Tanzania	42.871	26%	There was a rapid population decline of 60% in 5 years.
Uganda	4.864	0,5%	The numbers have risen relative to the population of less than 800 elephants that survived the heyday of poaching in the 1970s and 1980s.
Níger, Burkina Faso and Benim (W-Arli-Pendjari Complex)	8.911	9%	It is estimated that the population has doubled since 2003.
Zambia	21.758	85% in Sioma Ngwezi National Park; 3% for the rest of Zambia	There were substantial declines along the Zambezi River, but other areas were stable.
Zimbabwe	82.304	8%	In general, the population reduced 6%. Within the Sebungwe region, populations reduced by 74%

re 1992 to be legally marketed in the country. However, illegal traders can easily circumvent the legal controls.

Tourists from mainland China accounted for about 75% of buyers. Although the gross ivory price is the same as in China (between $889 and $1334 per pound), indirect costs, such as the cheaper labor force, make ivory items inexpensive in Vietnam.

The NGO Save The Elephants denounces lawlessness in Vietnamese and Chinese customs on land borders and the government's limited effort to prevent online chat selling. "We must work together with governments to prevent markets from appearing in other places like Vietnam," emphasizes Iain Douglas-Hamilton, founder and CEO of Save the Elephants. "Thailand in particular has made great progress effectively closing its considerable domestic ivory market," explains Richard Thomas, global communications coordinator for the NGO Traffic. "We also offer technical support to China in its efforts to close its domestic market."

COUNTING IMPACTS

"Every 15 minutes, an elephant is killed because otf the value of its tusks, and at that proportion they will disappear forever in a few years." The statement is made by Danny Auron, director of campaigns for the online platform Avaaz, specializing in online request. To be more rigorous, the definitive extinction of the species can occur in only 9 years. Data are from the Great Elephant Census (GEC), the first large counting of the species using standardized methods of data collection and validation, as the result of three years of research and the union of 90 scientists and six partner NGOs.

According to the research, the estimated population of Savanna elephants is 352,271 in the 18 countries surveyed. In 15 of these countries, populations decreased by 30% between 2007 and 2014 and the current rate of decline of species is 8% per year, mainly due to poaching. "If we cannot protect the world's largest terrestrial mammal, the prognosis for

FOTO: EDU JUNG

DESEQUILÍBRIO AMBIENTAL

dos são do Great Elephant Census (GEC), a primeira grande contagem da espécie a usar métodos padronizados de coleta e validação de dados, resultado de três anos de investigação e a união de 90 cientistas e seis ONGS parceiras.

Ainda segundo a pesquisa, a população estimada de elefantes de savana é de 352.271 nos 18 países pesquisados. Em 15 desses países, as populações diminuíram 30% entre 2007 e 2014 e a taxa atual de declínio das espécies é de 8% ao ano, principalmente devido à caça furtiva. "Se não podemos proteger a maior mamífero terrestre do mundo, o prognóstico para a conservação da vida selvagem como um todo é sombrio", diz Mike Chase, cientista líder do projeto e fundador de um grupo de conservação de elefantes com sede em Botsuana chamado Elefantes Sem Fronteiras (Elephants Without Borders)."Minha esperança é que muitos países se unam para salvar os elefantes, como a China já fez, antes que seja tarde demais, declarou o filantropo Paul T. Allen, que investiu US$ 7 milhões no Great Elephant Census.

Existem duas espécies de elefantes na África. Os elefantes da savana compõem a maioria em todo o continente. Os elefantes de floresta, por sua vez, são minoria e vivem nas regiões tropicais. Como os elefantes da floresta são um dos mamíferos reprodutores mais lentos do mundo, levará quase um século para se recuperar da intensa caça furtiva que sofreram desde 2002. As fêmeas da espécie só começam a reprodução depois de duas décadas e à luz somente uma vez a cada cinco a seis anos.

Distinto do elefante africano do savana, o elefante africano da floresta é ligeiramente menor do que seu parente conhecido melhor e é considerado por muitos como uma espécie separada. Eles desempenham um papel vital na manutenção da biodiversidade de uma das florestas tropicais seculares de carbono da Terra.

Os elefantes da floresta têm papéis ecológicos críticos nestas florestas, e muitas espécies de árvore confiam nos elefantes para dispersar suas sementes. O declínio contínuo do número e da extensão dos elefantes da floresta provavelmente levará a mudanças severas nesses ecossistemas, tornando seu status de conservação uma questão global significativa. A incapacidade de proteger os elefantes da floresta também prejudicaria as florestas da África Central, que são importantes para a absorção de gases causadores das alterações climáticas. "Salvar as espécies requer um esforço global coordenado. Não temos muito tempo", alerta Fiona Maisels, pesquisadora da Wildlife Conservation Society (WCS).

	Elefantes da floresta	Elefantes da savana
Idade da primeira reprodução	23 anos	12 anos
Intervalo entre gestações	5 a 6 anos	3 a 4 anos

FOTO: SOUTH AFRICAN TOURISM

wildlife conservation as a whole is bleak," says Mike Chase, lead scientist and founder of an elephant conservation group based in Botswana called Elephants Without Borders. "My hope is that many countries will come together to save the elephants, as China has done, before it's too late," said philanthropist Paul T. Allen, who invested $ 7 million in the Great Elephant Census.

ENVIRONMENTAL DISPROPORTION

There are two species of elephants in Africa. Savannah elephants make up the majority across the continent. Forest elephants, in turn, are a minority and live in the tropics. As forest elephants are one of the slowest breeding mammals in the world, it will take almost a century to recover from the intense poaching that they have suffered since 2002. Females of the species only begin breeding after two decades and only once every five to six years.

Unlike the African savannah elephant, the African forest elephant is slightly smaller than its better known relative and is considered by many as a separate species. They play a vital role in preserving the biodiversity of one of the earth's secular tropical rainforests.

Forest elephants have critical ecological roles in these forests, and many tree species rely on elephants to disperse their seeds. The ongoing decline in the number and amount of forest elephants will likely lead to severe changes in these ecosystems, making their conservation status a significant global matter. Failure to protect elephants forest would also harm the forests of Central Africa, which are important for the uptake of climate change gases. "Save the species requires a synchronized global effort. We do not have much time," warns Fiona Maisels, a Wildlife Conservation Society (WCS) researcher.

	Forest Elephants	Savannah Elephants
Age of first reproduction	23 years	12 years
Interval between pregnancies	5 to 6 years	3 to 4 years

TECNOLOGIA À SERVIÇO DO ESPORTE E DA GESTÃO

TECHNOLOGY AT THE SERVICE OF SPORT AND MANAGEMENT

FOTOS: ARENINHA CAMPO DO PICI

ALESSANDRO OLIVEIRA

Já imaginou levar um campo de futebol inteiro, colocar dentro de uma mala e levar para onde quiser? Isso ainda não é possível. Porém, uma tecnologia desenvolvida no Brasil permite armazenar um campo de futebol, com traves, arquibancadas e até vestiários em dois containers marítimos. O novo produto consolida a expertise do Brasil em requalificar espaços públicos através do futebol. "Esse produto foi feito para atender o governo brasileiro e é de baixíssimo custo de manutenção", explica o empresário Alessandro Oliveira, sócio diretor da Soccer Grass, idealizador do campo portátil.

De acordo com o empresário, a durabilidade de um campo portátil é de 7 a 10 anos, mesmo sem manutenção. "Não precisa pintar. A grama tem excelente qualidade. E ajuda muito na logística, pois não precisa de empreiteiro, nem de engenheiro. Só de montador", garante. O kit da arena vem com quadra multiuso de 450 m², arquibancada e dois containers que podem ser usados como vestiário ou uma unidade de saúde. A montagem ou desmontagem do espaço pode ser feita em 4 ou 5 dias. E além do futebol, é possível utilizar a arena para vôlei, aulas de dança de rua e rodas de capoeira", lembra Oliveira.

No mercado desde 1995, a empresa Soccer Grass é líder no mercado de campos sintéticos no Brasil. Os campos da empresa são usados pela Seleção Brasileira de Futebol e pelos principais clubes brasileiros, como

Did you ever imagine taking a whole soccer field, putting it in a suitcase and taking it wherever you want? This is still not possible. However, a technology developed in Brazil allows to store a soccer field, with beams, bleachers and even locker rooms in two containers. The new product consolidates Brazil's expertise in requalifying public spaces through soccer. "This product was made to meet the request of Brazilian government and is very low maintenance cost," explains businessman Alessandro Oliveira, managing partner of Soccer Grass, founder of the portable field.

According to the entrepreneur, the durability of a portable field is 7 to 10 years, even without maintenance. "No need to paint. The grass has excellent quality. And it helps a lot in the logistics, since it does not need contractor, nor engineer. It only need an assembler ", he assures. The arena kit comes with a multipurpose court of 450 m², bleachers and two containers that can be used as a locker room or a health care unit. The assembly or disassembly of the space can be done in 4 or 5 days. And besides soccer, it is possible to use the arena for volleyball, street dance lessons and capoeira, "recalls Oliveira.

In the market since 1995, Soccer Grass is a leader in the synthetic field market in Brazil. The fields of the company are used by the Brazilian national soccer team and

São Paulo, Palmeiras e Corinthians. Além disso, a empresa tem parceria com jogadores profissionais como Zico, Neymar Jr. e Ronaldo, que utilizam os empreendimentos da marca em seus centros de treinamento. Com operações nos Estados Unidos e Japão, a Soccer Grass espera entrar em outros mercados como Índia, Europa e África com esse novo lançamento.

BRASIL COMO REFERÊNCIA

No Brasil, um campo portátil sintético custa seis vezes menos que uma arena sintética convencional: 300 mil reais (aproximadamente US$ 92,000). O custo menor tem estimulado iniciativas estatais como a do Governo do Paraná, que encomendou a compra de 24 unidades, que serão instaladas em áreas de maior vulnerabilidade social. A ideia do governo local é firmar parceria com as prefeituras, que cedem o terreno para que a Secretaria instale os equipamentos, que contam com estruturas de alambrados, arquibancadas e gramado sintético e podem ser utilizados para a prática de futebol, handebol, vôlei, tênis, badminton, entre outras modalidades.

"As primeiras arenas estão sendo montadas, mas estamos satisfeitos com a velocidade. Por não serem construídas, sua instalação é bem mais ágil. Mas com certeza acreditamos que o impacto sobre a diminuição da criminalidade será enorme", comemora o Secretário do Esporte e Turismo do Paraná, Douglas Fabrício. "Todo o processo burocrático para fazer uma obra para práticas esportivas nos municípios leva cerca de um ano. Com este formato, levamos cerca de 15 dias para entregá-la à população", explica. "A comunidade ganha com a criação de espaço de convivência comunitária, um lugar para encontros e atividades culturais e ainda com a melhoria da economia local, uma vez que os entornos destes campos se tornam locais de empreendimentos variados", acredita Preto Zezé, Presidente da Central Única das Favelas (CUFA).

O MODELO DE FORTALEZA COMO EXEMPLO

A experiência paranaense é inspirada no modelo exitoso criado na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, no nordeste brasileiro, onde a prefeitura criou um projeto de requalificação de campos de futebol chamado "Areninhas". Em três anos de projeto, o poder público local implementou 22 areninhas de campo e deve criar outras 15 até o final de 2018. Sem usar o novo modelo portátil multiuso, a prefeitura da cidade investe cerca de R$ 1,8 milhão (cerca de US$ 544,000) por equipamento, com tempo de obra estimado em até seis meses. O valor inclui um campo sintético de tamanho maior e uma melhoria na infraestrutura do entorno.

Para cara areninha, a comunidade escolhe um Conselho Gestor Comunitário. "O órgão é formado por seis representantes da sociedade civil e seis membros escolhidos pelo poder público. O Conselho tem a função de zelar, formular e controlar a execução das políticas públicas voltadas para o esporte e o lazer no equipamento esportivo", explica Carlos Dutra, Secretário municipal de Esporte e Lazer de Fortaleza.

A escolha dos locais que irão receber requalificação passa por uma análise do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da região e os registros de violência na área. "São nesses locais que o poder público tem que se fazer presente e tentar mudar a realidade da região por meio da inclusão social através do esporte", argumenta Carlos Dutra, Secretário municipal de Esporte e Lazer de Fortaleza. O sucesso do programa em Fortaleza também inspirou o Governo do Ceará a levar o projeto para outras 31 cidades do mesmo Estado.

FORTALEZA: A MODEL TO BE FOLLOWED

The experience of Paraná is inspired by the successful model created in the city of Fortaleza, capital of Ceará, in the Northeast of Brazil, where the municipal government created a project for requalification of soccer fields called "Areninhas".

In a three-year project, the government implemented 22 areninhas and should create another 15 until the end of 2018. Without using the new portable all-purpose model, the city's government invests around R$ 1.8 million (about US$ 544,000) per equipment, with estimated work time in up to six months. The value includes a synthetic field of larger size and an improvement in the infrastructure of the environment.

For each areninha, the community chooses a Community Management Council. "The body is made up of six civil society representatives and six members elected by the government. The Council has the function of watching over, formulating and controlling the execution of public policies for sports and leisure in sports equipment, "explains Carlos Dutra, Municipal Secretary for Sports and Leisure of the city of Fortaleza.

The choice of sites that will receive requalification is analyzed by the Human Development Index (HDI) of the region and the records of violence in the area. "It is in these places that the government has to be present and try to change the reality of the region with social inclusion through sport," argues Carlos Dutra. The success of the program in Fortaleza also inspired the Government of Ceará to take the project to 31 other cities.

by the main Brazilian clubs, like São Paulo, Palmeiras and Corinthians. In addition, the company has partnered with professional players such as Zico, Neymar Jr. and Ronaldo, who use branded ventures in their training centers. With operations in the United States and Japan, Soccer Grass hopes to enter other markets such as India, Europe and Africa with this new product.

BRAZIL AS A REFERENCE

In Brazil, a synthetic portable field costs six times less than a conventional synthetic arena: 300,000 reais (approximately US $ 92,000).

The lower cost has stimulated state initiatives such as that of the Government of Paraná, which ordered the purchase of 24 units for installation in areas of greater social vulnerability. The idea of the local government is to partner with the municipalities, which provide the area for the installation of equipment, which have fencing structures, bleachers and synthetic grass and can be used for the practice of soccer, handball, volleyball, tennis, badminton ,among other modalities.

"The first arenas are being set up, but we're satisfied with the speed. Because they are not built, their installation is much more agile. But we certainly believe that the impact on the decrease of crime will be enormous, "celebrates the Secretary of Sport and Tourism of the state of Paraná, Douglas Fabrício.

"The whole bureaucratic process to do a work for sports practices in the municipalities takes about a year. With this format, we take about 15 days to deliver it to the population, "he explains. "The community gains by creating a space for community living, a place for meetings and cultural activities and also the improvement of the local economy, since the surroundings of these fields become places of various enterprises," believes Preto Zezé, President of Central of the Favelas (CUFA).

COM TRUMP, ÁFRICA VIVE TEMPO DE INCERTEZA

WITH TRUMP, AFRICA LIVES UNCERTAINTY TIMES

FOTOS: GAGE SKIDMORE

No dia 24 de maio, em um encontro oficial com o Papa Francisco no Vaticano, o presidente norte-americano Donald Trump prometeu doar 300 milhões de dólares para lutar contra a fome que atinge quatro países da África: Iêmen, Sudão do Sul, Somália e Nigéria. A notícia trouxe um pouco de entusiasmo para o cenário de incerteza que define o atual contexto das relações entre os Estados Unidos e o continente africano. A África foi praticamente esquecida durante a campanha eleitoral dos Estados Unidos. Além disso, especialistas ouvidos pela ATLANTICO acreditam que Trump deve priorizar negócios benéficos ao seu país e redefinir a política externa norte-americana, o que poderia prejudicar o desenvolvimento do continente africano. "Trump mal mencionou o continente durante sua campanha e o pouco que foi dito era depreciativo", afirma Lyal White, diretor do Centro de Mercado Dinâmicos do Gordon Institute for Business Science (GIBS), ligado à Universidade de Pretória. "Para falar a verdade, Donald Trump sabe muito pouco sobre a África e se importa muito pouco com o continente. O que ele sabe sobre o continente é um pouco assustador em termos do progresso que está sendo feito ao longo dos últimos dez de 15 anos".

Os Estados Unidos são parceiros importantes para os países africanos. Trata-se de um dos principais doadores em projetos de desenvolvimento, além de ser o segundo maior investidor, atrás da China. A África subsaariana, especificamente, beneficia-se largamente dos projetos públicos para cooperação e desenvolvimento dos EUA. Desde 2011, os norte-americanos gastam em média 8,2 mil milhões de euros por ano, valor cinco vezes maior do que o total em 2001. Nas últimas duas décadas, o Congresso Norte-Americano aprovou a Lei de Crescimento e Oportunidade em África (AGOA), que concede isenção de algumas taxas para entrada de produtos africanos nos Estados Unidos. Depois disso, também anunciou iniciativas transformadoras como o Programa de Emergência do Presidente para o Alívio da AIDS (PEPFAR), criou a Millennium Challenge Corporation (MCC) e, mais recentemente , aprovou o Power Africa Act e a Food Security Act. No entanto, todas essas medidas estariam ameaçadas.

Iniciado pelo então presidente Barack Obama, o projeto "Power Africa" pretende levar eletricidade a 60 milhões de pessoas em África. Até 2018, serão necessários cerca de 6,4 bilhões de euros do orçamento norte-americano. Em 2013, Trump usou o Twitter para criticar o projeto. Além disso,

On May 24, in an official meeting with Pope Francis at the Vatican, US President Donald Trump promised to donate $ 300 million to fight the hunger that hit four countries in Africa: Yemen, South Sudan, Somalia and Nigeria. The news brought a bit of enthusiasm to the scenario of uncertainty that defines the current context of relations between the United States and the African continent. Africa was practically forgotten by the current American President Donald Trump during the election campaign. In addition, experts heard by ATLANTICO believe that Trump should prioritize business deals that benefit his country and redefine the American foreign policy, which could negatively impact the development of the African continent. "Trump hardly mentioned the continent during his campaign and the little that was said was depreciative", states Lyal White, director of the Centre for Dynamic Markets at Gordon Institute for Business Science (GIBS), connected to the University of Pretoria. "Truthfully speaking, Donald Trump knows very little about Africa and cares very little about this continent. What he knows about the continent is a little shocking compared to the progress that has been made during the last 15 years".

The United States is an important partner for Africa. The country is one of the main sponsors in development projects, as well as the second largest investor, just behind China. The African Sub-Saharan, specifically, largely benefits from the USA public projects on cooperation and development. Since 2011, Americans have spent an average of 8.28 billion Euros per year, five times more than the total in 2001. In the last two decades, the American Congress has not just approved the African Growth and Opportunity Act (AGOA), but conceded exemption from some African products entering in the United States. After that, a transforming initiative was also announced, such as the President's Emergency Plan for AIDS Relief (PEPFAR), created the Millennium Challenge Corporation (MCC) and more recently, approved the Power Africa Act and the Food Security Act. However, all these measures are endangered.

The Power Africa project was started by President Obama aiming to bring electricity to 60 million people in Africa. By 2018, it will require about 6.44 billion euros of the US budget . In 2013, Trump used Twitter to criticize the project. Besides that, when he took office on January 20th, as the 45th President of the United States, Donald Trump promised that in the USA, as well as in other countries, he would always put the interests of the American people first. "We are transferring the power from

ao tomar posse no dia 20 de janeiro como o 45º presidente dos Estados Unidos, Donald Trump prometeu que, tanto nos EUA quanto no exterior, buscará sempre o interesse dos norte-americanos em primeiro lugar. "Estamos transferindo o poder de Washington, e dando de volta para vocês", disse ele na ocasião ao público presente. "A partir deste dia, vai ser a América primeiro", disse. Porém, ao mesmo tempo em que prioriza sua política interna, Trump questiona o valor das Nações Unidas, da OTAN e da União Europeia e se opõe firmemente aos grandes programas de assistência no exterior.

"Está claro que Trump é protecionista. Ele não vai tolerar qualquer expansão ou extensão de acordos. Isso significa que a política comercial americana sob Trump precisa ser observada de perto", avalia Peter Vale, diretor do Johannesburg Institute for Advanced Study (JIAS). "Também é provável que haja um declínio na ajuda para a África a partir dos EUA. Para alguns países africanos, esta ajuda é absolutamente crucial. Tome o Malawi por exemplo, onde é essencial e necessário. Como empresário Trump vai querer algo em troca, é improvável que ele vá ter o seu tipo de retorno sobre o investimento da maioria dos países africanos".

PRIMEIROS MOVIMENTOS

Embora o presidente Trump até agora tenha demonstrado desinteresse em temáticas caras para a agenda do continente africano, como democracia, boa governança e direitos humanos, grupos extremistas como o Boko Haram, na África Ocidental, os extremistas islâmicos do Sahel, o Al-Shabaab, e os piratas na Somália fazem parte da estratégia global antiterror dos Estados Unidos. O presidente norte-americano também tem, ao mesmo tempo, ameaçado publicamente seus desafetos e elogiado seus parceiros no continente.

Em julho de 2016, ainda como candidato à presidência dos Estados Unidos, Donald Trump declarou que iria cuidar pessoalmente da prisão dos presidentes Robert Mugabe (Zimbábue) e Yoweri Museveni (Uganda). "Mugabe e Museveni deram muitos problemas ao mundo e chegou o tempo para colocar um fim nesses loucos para que a paz prevaleça", acrescentou. "Quero reiterar que não vou tolerar quaisquer tendências ditatoriais exibidas pelos ditadores ao redor do mundo. Ele ainda aproveitou para criticar ao então presidente Barack Obama e aos ex-presidentes Bill Clinton e George W. Bush. "Se Obama teve medo, eu não terei. Se Clinton e Bush tiveram medo, se o papa se ajoelhou diante deles, eu nunca vou ser me rebaixar a esse nível. Eu nunca irei me intimidar. Eu prometo limpar toda a confusão política em todo o mundo e promover a justiça internacional", sentenciou.

"Trump é muito suspeito sobre o continente, especialmente em termos de segurança e em níveis de desenvolvimento. Ele acredita que é uma região em ruína e insegura do mundo. Ele não vê muita viabilidade comercial e é muito ingênuo, quase inconsciente, do potencial que a África tem para oferecer", diz Lyal White, do GIBS. Stephen Chan, Professor do Instituto de Estudos em África e Oriente Médio da Universidade de Londres (SOAS), acredita que o engajamento militar dos EUA na África pode ser reduzido com Trump. "Não há interesse estratégico dos EUA na região africana ao sul do Saara", afirma. "Acho que ele vai ser intolerante e desinteressado em questões em torno da política interna dos países africanos. Por exemplo, eu não acho que ele vá ser muito interessado no que está acontecendo na Somália, Etiópia ou em outras partes da África onde pode haver conflito. Trump não tem uma grande capacidade de detalhe, então na melhor das hipóteses ele vai viver por avaliações macro", avalia Peter Vale, pesquisador do JIAS.

Um outro aspecto que mostra um desinteresse ou, talvez, uma negligência dos Estados Unidos em relação à África é a demora para escolher o representante maior do País no continente. Até abril, a vaga de Secretário Adjunto para Assuntos Africanos do Departamento de Estado dos EUA permanecia em aberto. "O atraso na nomeação de alguém para o cargo sugere que a África não é uma prioridade", conclui Stephen Chan, da Universidade de Londres. "O único membro do círculo íntimo de Trump que pode ter interesse em África é o Secretário de Estado Rex Tillerson. Ele tem alguma experiência na África por causa de seus

Washington, and giving it back to you", he said to the large audience. "Starting from then on, America will always be first", said Trump. According to him, from then on, all "decisions on trade, taxes, immigration, and foreign affairs, will be made to benefit American workers and American factories ". However, meanwhile, prioritizing its domestic policy, Trump questions the value of the United Nations, NATO, and the European Union and firmly opposing large scale foreign welfare programs.

"Clearly Trump is a protectionist. He will not tolerate any expansion or extensions of treaties. This means that the American trade policy under Trump needs to be closely observed", evaluates Peter Vale, director of the Johannesburg Institute for Advanced Study (JIAS). "There will also be decreased aid to Africa from the USA. For some African countries, the aid from the USA is crucial. Take Malawi for example, where it is essential and necessary. As businessman, Trump will want something in exchange, as it is improbable that he will have his type of return on investments from most of the African countries".

FIRST CHANGES

Although President Trump (at least until now), has shown a lack of interest in important subjects on the agenda of the African continent, such as democracy, good governance, and human rights, extremist groups, such as Boko Haram, in Western Africa, the Islamic extremists of the Sahel, the Al-Shabaab, and the pirates in Somalia are part of the global anti-terror strategy of the United States. Trump has also at the same time publicly threatened his discontents and praised his partners on the continent.

In July 2016, while still a candidate for the presidency of the United States, Donald Trump declared that he would personally oversee the imprisonments of Presidents Robert Mugabe (Zimbabwe) and Yoweri Museveni (Uganda). "Mugabe and Museveni have given the world enough troubles and it is about time someone puts to an end all these madness for peace to prevail", he added. "I wish to reiterate that I will not tolerate any dictatorial tendencies shown by dictators around the world. He even took advantage to criticize President Barack Obama and the former Presidents Bill Clinton and George W. Bush. "If Obama was afraid, I will not. If Clinton and Bush were afraid, if the Pope kneels before them, I will never go down to that level. I will never become intimidated. I promise to clean up all the political confusion around the world and promote international justice", he stated.

"Trump is very skeptical about the continent,especially regarding safety and development. He believes that it is a region in ruin and insecure of the world. He does not see much feasibility for trade and he is very naïve and almost unconscious of the potential Africa can offer", says Lyal White, from GIBS. Stephen Chan, Professor of International Relations at the School of Oriental & African Studies at the University of London (SOAS), believes that the military engagement of the US in Africa, however, can be cut back by Trump. "There is no US strategic interest in the African region south of the Sahara", he confirms. "I think he is going to be intolerant and uninterested on issues regarding domestic policies in African countries. For example, I do not think he is going to be interested in what is happening in Somalia or Ethiopia or in other parts of Africa where conflicts are taking place. Trump is not capable of details, then, under the best of hypotheses, he is going to just make macro evaluations", evaluates Peter Vale, a researcher from JIAS.

Another aspect showing the lack of interest or maybe even negligence by the United States regarding Africa is the delay in choosing the largest representative from the Country for the continent. Until April, the position for the Assistant Secretary for African Affairs in the US State Department was unfiled. "The delay in nominating someone for the position suggests that Africa is not a priority", concludes Stephan Chan, from the University of London. "The only member in Trump's inner circle who may be interested in Africa is the Secretary of State Rex Tillerson. He has had some experience in Africa because he worked in the petroleum industry for ExxonMobil. If Tillerson nominates a moderate and experienced specialist in Africa to run the

muitos anos na indústria de petróleo com ExxonMobil. Se Tillerson nomear um especialista moderado e experiente em África para dirigir o Escritório Africano, as questões africanas podem não ser deixadas de lado completamente. Mas independentemente de quem gerencia a política de Trump na África, haverá uma grande mudança em relação às recentes administrações", disse, em nota, Johnnie Carson, Secretário de Estado Adjunto dos Estados Unidos para Assuntos Africanos entre 2009 e 2012.

O FUTURO

Mas, afinal, a África consegue viver sem os Estados Unidos? "Não. Os Estados Unidos ainda são um dos maiores provedores de capital, de recursos estrangeiros e ativos básicos para o contexto africano. São fundamentais, obviamente, mas não tão centrais quanto para a América Latina, onde continua a ser o mais importante player da região. Grandes empresas norte-americanas, como a General Electric, são grandes investidoras no continente africano e eles estão atuando em áreas cruciais de desenvolvimento de infraestrutura, refinaria de petróleo e operam também em parceria com multinacionais africanas", conta o pesquisador Lyal White. "A tradição dos americanos não difere muito entre democratas e republicanos, sobretudo quando se trata de África. Mas gostaria que Donald Trump fosse mais honesto para com o continente africano, porque continuamos com problemas de falta de democracia", argumenta Afonso Dhlakama, presidente do RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), em nota oficial. "Como líder mundial, o Presidente dos Estados Unidos da América deve incentivar os líderes africanos a aceitarem a democracia própria e não aquela tradição de pensar que a democracia é para os americanos e os europeus. A democracia não tem cor nem raça, ela é democracia".

EM BUSCA DE APOIO

Em fevereiro, Donald Trump ligou para o presidente da África do Sul, Jacob Zuma. Na ocasião, Zuma felicitou Trump pela vitória na eleição norte-americana e os dois estadistas reafirmaram o compromisso de fortalecer a relação histórica entre os dois países. 600 empresas dos EUA têm operações na África do Sul. Os dois presidentes também discutiram a necessidade de trabalhar em conjunto sobre questões multilaterais, especialmente a busca pela paz e estabilidade no continente africano. Na sequência desse diálogo, Trump, telefonou para Muhammadu Buhari, presidente da Nigéria. Segundo a Casa Branca, Trump agradeceu Buhari por sua "liderança no continente" e os dois discutiram "uma forte cooperação entre os Estados Unidos e a Nigéria, inclusive sobre segurança compartilhada, econômica e prioridades de governança". O texto oficial diz ainda que o Presidente Trump "ressaltou a importância que os Estados Unidos atribuem à sua relação com a Nigéria e manifestou interesse em trabalhar com o Presidente Buhari para expandir a forte parceria". Eles ainda concordaram em continuar a "estreita coordenação e cooperação na luta contra o terrorismo na Nigéria e no mundo". Trump também expressou apoio à venda de aeronaves dos Estados Unidos para apoiar a luta da Nigéria contra o Boko Haram e agradeceu Buhari pela "liderança que exerceu na região", enfatizando a importância de uma "Nigéria forte, segura e próspera que continua a liderar na região e nos fóruns internacionais".

PAÍSES AFRICANOS NA MIRA DA POLÍTICA ANTI-MIGRATÓRIA

Líbia, Somália e Sudão estão na lista de países com restrição temporária de acesso aos Estados Unidos. Além dos três países africanos, fazem parte da lista Síria, Irã e Iêmen. Assinado em março, um decreto de lei ordena que por 90 dias os cidadãos destes países ficam proibidos de pisar em solo norte-americano. Além disso, está suspensa por 120 dias a recepção de refugiados destes países. Contudo, a medida tem sido alvo de um complexo imbróglio jurídico.

African Office, the African issues will not be left completely uncovered. But, no matter who administrates the Trump policy in Africa, there still will be changes compared to the recent previous administrations" Johnnie Carson says in a note, who was the US Assistant Secretary of State on African Affairs from 2009 to 2012.

THE FUTURE

After all, can Africa survive without the United States? "No. The United States is still one of the largest suppliers of capital, of foreign resources and basic assets for the African context. They are obviously fundamental, but they are not as important as those from Latin America, where it continues being the most important player in the region. There are large American companies, such as General Electric, who are big investors on the African continent, and they are acting in crucial areas of infrastructure development, petroleum refineries, and they also operate partnering with African multinational companies", tells the researcher Lyal White. "The American tradition does not differ much between Democrats and Republicans, moreover when considering Africa. But I would like Donald Trump to be more honest towards the African continent, because we continue with the problems of the lack of democracy", argues Afonso Dhlakama, President of RENAMO (National Mozambican Resistance), in an official report. "As a world leader, the President of the United States of America must encourage African leaders to accept democracy itself and not that tradition of thinking that Democracy is for Americans and Europeans. Democracy has neither color nor race, it is democracy. ".

SEEKING SUPPORT

In February, Donald Trump called the President of South Africa, Jacob Zuma. At that time, Zuma congratulated Trump for the victory of the American election and the two statesmen reconfirmed their commitment to strengthening the historical relationship between the two countries. 600 companies in the USA have operations in South Africa. The two Presidents also discussed the need for working together on multilateral issues, especially seeking peace and stability on the African continent. After that conversation, Trump, called Muhammadu Buhari, President of Nigeria. According to the White House, Trump thanks Buhari for his "leadership on the continent" and both of them discussed "strong cooperation between the United States and Nigeria, including shared security, economic, and governance priority measures". The official text even says that President Trump "emphasized the importance that the United States attributes to its relationship with Nigeria and showed interest in working jointly with President Buhari to expand their strong partnership". They also agreed to continue the "strict coordination and cooperation in the fight against terrorism in Nigeria and the world at large ". Trump also expressed support to fight against Boko Haram in Nigeria. The US President also thanked Buhari for the "leadership he performed in the region and emphasized the importance of a strong, safe, and prosperous Nigeria that would continue leading the region and international forums "

ANTI-MIGRATORY POLICIES AIMED AT AFRICAN COUNTRIES

Libya, Somalia, and Sudan are on the list of countries with temporary restricted access to the United States. Syria, Iran, and Yemen are also on that list as well as those three African countries. A legal decree was signed in March ordering that for 90 days, citizens from those countries were prohibited from entering American soil. Besides that, receiving refugees from those countries has been suspended for 120 days. However, this measure is the target for a complex legal battle.

FOTO: BRAZIL HOUSE

TABOM

O BRASIL LONGE DO BRASIL

TABOM: BRAZIL AWAY FROM BRAZIL

Cerca de setenta afro-brasileiros de sete famílias diferentes chegaram em Accra, na região do antigo porto de Jamestown, em 1836. Quando chegaram lá, só sabiam falar português. Então, se cumprimentavam com a pergunta "Como está?" e a resposta era "Tá bom". Por isso, o povo Ga, que os acolheu, começou a chamá-los de Tabom. "O primeiro grupo chegou em 1835. Mas nós tivemos outros lotes depois deles que também começaram a vir, porque chegaram ao conhecimento de seus irmãos e irmãs no Brasil de que eles estavam confortáveis aqui", narra o atual chefe dos Tabom, Nii Azumah V.

Muito do que se sabe sobre a história desse povo foi obtido através da oralidade, sobretudo sobre a mítica chegada deles em Accra. Contudo, pelo menos três publicações e um documentário sobre o tema tem chamado atenção para a relevância histórica dessa comunidade. "Alguns compraram a liberdade. Outros deixaram o Brasil por volta dos anos 1830 após algumas revoltas de escravos na Bahia. Depois do fim da escravidão no Brasil, em 1888, muitos africanos livres decidiram voltar para o Oeste africano. Com o tempo, seus descendentes também perceberam a necessidade de se reconectar com a pátria ancestral", explica o ganense Kwame Essien, autor do livro Brazilian-African Diaspora in Ghana: The Tabom, Slavery, Dissonance of Memory, Identity and Locating Home, publicado em outubro de 2016.

Como uma forma de preservar sua identidade como descendentes brasileiros, os Tabom procuram ser vistos como um povo distinto, com uma história diferente de outras tribos. "É muito comum eles, naturalmente, mesmo não falando português e nunca tendo ido ao Brasil, se autodenominarem "Brazilians", quando perguntados sobre a própria identidade", observa o pesquisador brasileiro Marco Schaumloeffel, autor do livro Tabom: A Comunidade Afro-Brasileira do Gana, publicado em 2014.

ORGULHO DA ORIGEM

O povo Tabom possui características específicas, diferentes dos outros grupos étnicos que compõem a seção Ga, como a forma de se vestir, as comidas tipicamente baianas, reminiscências das culturas iorubá e hauçá e a forma de fazerem os rituais fúnebres. "O Brasil é visto por

FOTO: ARQUIVO PESSOAL DA COMUNIDADE TABOM

Nii Azumah V (esquerda) acompanhado de seu linguísta-intérprete / Nii Azumah V (left) and followed by his linguist-interpreter

Around seventy Afro-Brazilians from seven different families arrived in Accra in the area of the old port of Jamestown in 1836. At that time they only spoke Portuguese and then they would greet each other with the question, "How are you?" And the answer was "Tá bom, which means Okay". Therefore, the Ga people, who welcomed them, began to call them Tabom. "The first group arrived in 1835. But we had others who also started to come because they knew that their brothers and sisters in Brazil were homelike here," says the current Tabom chief, Nii Azumah V.

Much of what is known about the history of this people was obtained through oral tradition, especially over their mythical arrival in Accra. However, at least three publications and a documentary on the subject have drawn attention to the historical relevance of this community. "Some have bought their freedom. Others left Brazil around the 1830s after some slave revolts in Bahia. After the end of slavery in Brazil in 1888, many free Africans decided to return to West Africa. Over time, their descendants also realized the need to reconnect with their ancestral homeland, "explains Ghanaian Kwame Essien, author of the Brazilian-African Diaspora in Ghana: The Tabom, Slavery, Dissonance of Memory, Identity and Locating Home, published In October 2016.

As a way of preserving their identity as Brazilian descendants, the Tabom seek to be seen as a distinct people with a different history from other tribes. "It is very common for them, of course, even if they do not speak Portuguese and have never gone to Brazil, they call themselves" Brazilians ", when asked about their own identity", observes the Brazilian researcher Marco Schaumloeffel, author of the book Tabom: Afro-Brazilian Community Published in 2014.

PRIDE OF ORIGIN

The Tabom people have specific characteristics, different from the other ethnic groups that make up the Ga section, such as the way of dressing, typical Bahian foods, reminiscences of Yoruba and Hausa culture and how to proceed in funeral rituals. "Brazil is seen by many as their homeland, even if they were not born there," he adds.

"They are very proud of this Bra-

muitos como a terra de onde são, mesmo que não tenham nascido lá", complementa.

"Eles têm muito orgulho dessa herança brasileira. Mas essa relação com o Brasil de hoje é mais baseada em fantasia do que com a realidade. Eles sabem muito pouco sobre o Brasil de hoje", pondera Juan Diego Diaz, historiador colombiano, autor do livro Tabom Voices: History of the Ghanaian Afro-Brazilian Community Told by Themselves, publicado em 2016 pela Embaixada do Brasil em Gana, e também do documentário "Um Tabom na Bahia" (Tabom in Bahia), que será lançado em breve. "A Bahia é especial para eles. É a terra dos ancestrais deles", conta Juan. O documentário registra a visita do maestro percussionista da comunidade Tabom à Bahia em julho de 2016. Eric Morton, o escolhido, é o terceiro membro da comunidade a conhecer o Brasil e o primeiro a conhecer a Bahia em quase duzentos anos.

Atualmente os Tabom estão organizados como sempre estiveram desde o seu retorno à África, com um sistema de chefia tradicional equivalente ao do Gana, com um Mantse (chefe ou rei) e todas as outras funções hierárquicas que incluem incumbências como da rainha-mãe, de um intérprete, do diretor, do porta-voz, etc. "Eles fazem parte de uma das subdivisões de chefia tradicional da área metropolitana de Acra, mais especificamente são uma das subdivisões da chefia de Otublohum. Eles fazem parte de um dos três clãs de fora da região aceitos entre o povo Ga", revela Marco Schaumloeffel.

No entanto, é difícil estimar a quantidade exata de descendentes do povo Tabom que existem hoje em Gana, uma vez que não existe um censo específico para isso. Especula-se que a comunidade ultrapassa cinco 5 mil pessoas. "A comunidade é dispersa. Tem muita gente que não sabe que é tabom".

VISÃO SOBRE O PAÍS

As recentes pesquisas acadêmicas que resultaram em livros e em documentário têm reacendido o orgulho do povo Tabom. A visita que o ex-presidente Lula fez a Gana no ano de 2005 fez também ajudou a melhorar a percepção que os Tabom tem do Brasil, que na época era apontado como uma potência emergente. "Eles sempre foram um grupo marginal. São pobres e não têm apoio do governo. E as novas gerações acreditam que o Brasil pode trazer oportunidades para eles. Mas esse posicionamento que o Brasil tinha como potência não existe mais por conta da crise política e econômica dos últimos anos. Vai tomar um tempo para que eles entendam que as expectativas não são muito realistas", declara Juan Diego Diaz.

Contudo, o povo Tabom e os outros povos descendentes de afro-brasileiros nos outros países da África Ocidental podem ser uma ponte para fortalecer as relações entre brasileiros e africanos, principalmente no âmbito cultural. "O povo Tabom forma uma espécie de diáspora invertida, a diáspora dos retornados, e pode, dessa forma, ser um elemento muito importante para fortalecer as relações entre os povos, uma forma de pensarmos sobre quem somos, uma forma de lidar com as diferenças e as semelhanças, uma forma de aprendermos mais sobre nós mesmos", reflete Marco Schaumloeffel.

FOTO: ERIC ICIMIMO

Eric Morton

FOTO: MMARCO SCHAUMLOEFFEL

Bandeira da comunidade / Community flag

FOTO:MURAL BREAKING CHAINS

zilian heritage. But this relationship with Brazil today is more based on fantasy than on reality. They know very little about Brazil nowadays, "says Juan Diego Diaz, Colombian historian, author of the book Tabom Voices: History of the Ghanaian Afro-Brazilian Community Told by Themselves, published in 2016 by the Brazilian Embassy in Ghana, and also the documentary "Um Tabom na Bahia" (One Tabom in Bahia), which will be released soon. "Bahia is special to them. It is the land of their ancestors, "says Juan. The documentary records the visit of the percussionist conductor of the Tabom community to Bahia in July 2016. Eric Morton, the chosen one, is the third member of the community to know Brazil and the first to know Bahia in almost two hundred years.

Today the Tabom are organized as they have always been since their return to Africa, with a traditional leadership method equivalent to that in Ghana, with a Mantse (chief or king) and all other hierarchical activities including positions such as the Queen Mother, Interpreter, director, spokesperson, etc.

"They are part of one of the traditional leadership subdivisions of the Accra metropolitan area, more specifically they are one of the subdivisions of Otublohum's leadership. They are part of one of the three clans from outside the region accepted among the Ga people, "says Marco Schaumloeffel.

However, it is difficult to estimate the exact number of descendants of the Tabom people that exist today in Ghana, since there is no specific census for this. It is speculated that the community exceeds 5 thousand people. "The community is dispersed. There are a lot of people who do not know what Tabom means. "

VISION ABOUT THE COUNTRY

Recent academic investigation that has resulted in books and documentaries has rekindled the pride of the Tabom people. The visit of former Brazilian President Luiz Inacio Lula da Silva to Ghana in 2005 also helped to improve Tabom's perception of Brazil, which at the time was singled out as an emerging power. "They've always been a marginal group. They are poor and have no government assistance. And the new generations believe that Brazil can bring opportunities for them. But this position that Brazil had as a power no longer exists because of the political and economic crisis of recent years. It will take time for them to understand that expectations are not very realistic, "says Juan Diego Diaz.

However, the Tabom people and other descendants of Afro-Brazilians in other West African countries can be a bridge to strengthen relations between Brazilians and Africans, especially in the cultural sphere. "The Tabom people form a kind of inverted diaspora, the diaspora of returnees, and can be a very important element in strengthening relations among peoples, a way of thinking about who we are, a way of dealing with differences and similarities, A way of learning more about ourselves, "reflects Marco Schaumloeffel.

FOTO: TABOM CELEBRATING

MOVIMENTO NASCEU NO SÉCULO XIX

Alguns estudos estimam que no século XIX cerca de 10 mil ex-escravos decidiram deixar o Brasil, retornando à África, sobretudo Benin, Nigéria e Togo. Ao longo destes países podemos encontrar propriedades, escolas e museus com o nome "Brasil". Em Lagos (Nigéria) há uma propriedade chamada "Bairro Brasileiro" e um clube com o nome "Clube Social Brasileiro". Em Benin podemos encontrar uma escola chamada "Ecole Bresil". Nesses países também é muito comum encontrar sobrenomes como Souza, Silva, Olympio ou Cardoso.

O primeiro presidente do Togo, eleito em 1960, foi Sylvanus Epiphanio Kwami Olympio. O primeiro embaixador brasileiro em Gana era um afro-brasileiro chamado Raymundo de Souza Dantas. Ele cita em seu livro "África Difícil", publicado em 1965, que recebeu uma carta de um togolês chamado Benedito de Souza, que alegava ser seu primo.

As várias comunidades dos descendentes de afro-brasileiros em várias partes da África Ocidental foram estudadas por africanistas como Pierre Verger. Contudo, ainda há pouco diálogo entre estas comunidades. "As principais causas são o isolamento geográfico relativo existente entre elas, pois ainda há fronteiras com enormes entraves burocráticos que impedem o trânsito fácil entre os países da região, mas também é necessário levar em conta que grupos distintos formam os Tabom e os outros grupos. A organização interna é diferente e as expressões culturais afro-brasileiras destes grupos também não são as mesmas", lembra Marco Schaumloeffel.

MOVEMENT WAS BORN IN THE 19TH CENTURY

Some studies estimate that in the 19th century around 10,000 former slaves decided to leave Brazil, returning to Africa, especially Benin, Nigeria and Togo. In many of these countries we can find properties, schools and museums under the name "Brazil". In Lagos (Nigeria) there is a property called "Brazilian Quarter" and a club with the name "Clube Social Brasileiro". In Benin we can find a school called "Ecole Bresil". In these countries it is also very common to find surnames like Souza, Silva, Olympio or Cardoso.

The first president of Togo, elected in 1960, was Sylvanus Epiphanio Kwami Olympio. The first Brazilian ambassador to Ghana was an Afro-Brazilian named Raymundo de Souza Dantas. The first Brazilian ambassador to Ghana was an Afro-Brazilian named Raymundo de Souza Dantas. He cites in his book "Difficult Africa," published in 1965, that he received a letter from a Togolese named Benedito de Souza, who claimed to be his cousin.

The various Afro-Brazilian descendant communities in many parts of West Africa were studied by Africanists such as Pierre Verger. However, there is still little dialogue between these communities. "The main causes are the relative geographic isolation between them, because there are still borders with huge bureaucratic obstacles that prevent easy transit between the countries of the region, but it is also necessary to take into account that distinct groups form the Tabom and the other groups. The internal organization is different and the Afro-Brazilian cultural expressions of these groups are not the same either ", recalls Marco Schaumloeffel

ALDAIRTON CARVALHO
SOCIEDADE DE ADVOGADOS

INTARNATIONAL BUSINESS LAW

Compliance; Tax Regulation; Labor Law, Investment Law, Immigration; Naturalization; Banking and Finance; Dispute resolution; Corporate Governance and Trade and Customs.

Fortaleza - CE	Rio de Janeiro - RJ	Recife - PE	São Luis - MA	São Paulo - SP (WTC)
(85) 3262.3497	(21) 3037.7704	(81) 3221.7854	(98) 3302.5534	(11) 3443.7930

www.aldairtoncarvalho.com.br

FOTO: FERNANDO PEREIRA

SÃO PAULO: UMA METRÓPOLE DO TAMANHO DO MUNDO

SÃO PAULO: A GLOBAL SCALE METROPOLIS

São Paulo é uma cidade grande em tudo: extensão, quantidade de habitantes, movimentos culturais e políticos, gastronomia, economia e turismo. Com quase 500 anos de existência, a capital econômica do Brasil, é hoje, uma das maiores metrópoles mundiais. Seu desenvolvimento lhe garante destaque no cenário mundial, sendo classificada como a maior e mais influente cidade do Brasil e da América Latina. Além disso, abriga a maioria das instituições internacionais instaladas no Brasil.

São Paulo é responsável por praticamente um terço do PIB brasileiro. Parte dessa movimentação econômica vem do comércio informal, composto por vendedores independentes, os ambulantes. Seu crescimento dentro do país a coloca como uma das grandes apostas do futuro. Hoje, é a 10ª cidade mais rica do mundo com possibilidade de, em 2025, subir para a 6ª colocação deste ranking.

Dado o destaque da capital paulistana no cenário internacional, o fluxo de turismo do município também cresce de forma considerável. Em 2014, por exemplo, cerca de 15 milhões de pessoas de todo o mundo, visitaram a cidade. Para comportar tamanha demanda, a metrópole conta com o maior aeroporto do Brasil, o Aeroporto Internacional de Guarulhos, que fica na região metropolitana.

São Paulo é o centro econômico. Mais que isso, é a terra do sonho dos brasileiros e não-brasileiros que querem vencer na vida. Uma terra promissora, complexa e cheia de contrastes: contemporânea, histórica, moderna, fashionista, rica e pobre. É uma cidade grande. Literalmente, a maior do Brasil.

São Paulo is a large city in all ways: size, number of inhabitants, cultural and political movements, gastronomy, economy, and tourism. It is almost 500 years old and it is the economic capital of Brazil, nowadays, it is one of the largest urban center in the world. Its development assures notoriety on the global scenario, as it is classified as the largest and most influential city in Brazil and Latin America. Besides that, it houses the largest international institutions established in Brazil.

São Paulo is responsible for practically one-third of the GDP in Brazil. Part of that economic activity comes from informal commerce, made up by independent sellers, street vendors. The growth of the city ranks it as one of the best bets for the future. Nowadays, it is the 10th wealthiest city in the world and it is possible for it to rise to 6th place by 2025 in that ranking.

Considering the notoriety the capital of state of São Paulo on the international scenario, the tourism flow has also grown considerably. In 2014, for example, about 15 million people from all over the world visited the city. In order to handle such great demand, the metropolis features the largest airport in Brazil, the Guarulhos International Airport, located in the metropolitan region.

São Paulo is the Brazilian economic hub. But due to this, it is the land of dreams for Brazilians and those who are not Brazilian, who wish to achieve victories in their lives. It is a land of promises, complex, and full of contrasts: contemporaneous, historical, modern, fashionable, rich, and poor. It is a big city. Literally, it is the largest in Brazil.

FOTO: MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

JOANESBURGO: O MOTOR ECONÔMICO DA ÁFRICA DO SUL

JOHANNESBURG: THE DRIVING FORCE IN THE SOUTH AFRICAN ECONOMY

Responsável por 16% do Produto Interno Bruto (PIB) da África do Sul, Joanesburgo é um importante pólo industrial e comercial. Confundida facilmente como capital, é a maior cidade do país e a sexta mais populosa do continente africano. Fundada em 1886 e apelidada de Jo'burg, foi por muito tempo colônia britânica para a exploração de ouro e diamantes. Hoje, com mais de 4 milhões de habitantes, é um do destinosmais cobiçados por turistas e um dos mais importantes do mundo.

É na região metropolitana que se concentram as indústrias, principalmente automobilísticas e de extração de minérios. Além da indústria, a cidade tem forte vocação para o comércio e para os serviços. Lá, estão instaladas a sede do governo provincial e de vários serviços consulares. Além disso, Jo'burg tem a maior bolsa de valores do continente africano, a JSE Limited.

Palco da abertura e encerramento da Copa do Mundo FIFA em 2010, a cidade recebeu várias obras de infraestrutura que, de certa forma, melhoraram a vida dos moradores locais. Um bom exemplo é a ampliação do Gautrain, o primeiro trem de alta velocidade do continente africano, que liga Joanesburgo à Pretória, a capital executiva da África do Sul. Além disso, o governo local investiu na extensão de estradas, que constituem um importante modal logístico, uma vez que Joanesburgo não fica perto do mar.

Porta de entrada para o continente e com diversas conexões para Ásia e Oceania, o Aeroporto Internacional Oliver Tambo é o mais movimentado da África. Em 2016 passaram pelo terminal cerca de mais de 20 milhões de passageiros.

As an important industrial and commercial center Johannesburg is responsible for 16% of the Gross Domestic Product (GDP) in South Africa. It is easily confused as being the capital city of the country, as it is the largest city and the sixth most populous on the African continent. It was established in 1886 and nicknamed Jo'burg and it was a British colony for a long time because of the gold and diamond mining activities here. Nowadays, there is a population of over 4 million and it is one of the most coveted tourist destinations in the world.

Industries are concentrated in the metropolitan regions, especially automotive and ore extraction. The city also features a strong vocation for commerce and services, as well as industry. The provincial government headquarters is established there and provide several consulate services. Besides that, Jo'burg has the largest stock market on the African continent, named JSE Limited.

It staged the opening and closing ceremonies of the FIFA World Soccer Cup in 2010 and the city gained various infrastructure constructions that in a certain way, improved the life of the local residents. A good example of the expanded infrastructure was the Gautrain, the first high speed train on the African continent connecting Johannesburg to Pretoria, the executive capital city of South Africa. Besides that, the local government invested in extending the highways constituting an important logistic mode, since Johannesburg is far away from the seacoast.

It is the entrance gate to the continent and it features diverse connections to Asia and Oceania, the Oliver Tambo International Airport is one of the busiest in Africa. In 2016, over 20 million passengers went through its airline terminal.

FOTO: DIVULGAÇÃO - INSTITUTO MARIA DA PENHA

MARIA DA PENHA

A MULHER QUE DÁ NOME À LEI

MARIA DA PENHA: THE LAW WAS NAMED AFTER THIS WOMAN

Sancionada no Brasil em agosto de 2006, a lei 11.340, mais conhecida como "Lei Maria da Penha", aumentou o rigor das punições às agressões contra a mulher, quando ocorridas no ambiente doméstico ou familiar. A mulher que dá nome à lei é uma farmacêutica que, hoje, aos 71 anos, lidera movimentos de defesa dos direitos das mulheres, as maiores vítimas de violência doméstica no País, além de dirigir um instituto que leva seu nome. As três filhas ajudaram Dona Penha, como prefere ser chamada, a carregar marcas permanentes de uma tragédia familiar: em 1983, tornou-se paraplégica após sofrer dois atentados do então marido. Depois disso, teve que lutar nos tribunais para que seu agressor tivesse uma punição. "A violência contra a mulher existe porque os homens foram educados para serem violentos", acredita. "Como eles podem achar que estão errados se eles viram um avô batendo na avó e o pai bater na mãe?".

Mas Dona Penha estava determinada a mudar essa realidade. Na época, sequer existiam locais específicos para atender mulheres vítimas da violência doméstica no seu estado natal, o Ceará, no Nordeste do Brasil. Hoje, mais de uma década depois de criada a Lei, o assunto não só passou a ser discutido pela população como o próprio Estado ampliou o investimento em políticas públicas específicas para as mulheres. "As mulheres começaram a acreditar na instituição e na aplicação da lei, favorecendo essa denúncia. Mas é claro que nas cidades onde não existem equipamentos para as mulheres buscarem informação ou fazerem a denúncia, os homens se sentem mais à vontade para praticar atos violentos", acredita Maria da Penha.

Apesar dos avanços, há ainda muito a ser feito. "Ainda não é admissível que uma mulher seja assassinada

Law 11,340 was sanctioned in Brazil in August 2006, most commonly known as the "Lei Maria da Penha" (Maria da Penha Law), as this increased the strictness of punishments for aggression against women; when they take place in domestic or family environments. This law was named after a woman who is a pharmaceutic professional, who, nowadays is 71 years old, a leader in the movement for defending women's rights, who are the greatest victims of domestic violence in the Country, as well as leading an institute named after her. Her three daughters helped Dona Penha, as she prefers to be called; she displays permanent marks of a family tragedy: that took place in 1983; when she became paraplegic after suffering two attacks from her husband at that time. Afterwards, she had to fight in the courts, so that her aggressor would be punished. "Violence against women exists because men were educated to be violent", she believes. "How can they think they are wrong if they saw a grandfather hitting a grandmother and their father hitting their mother?".

But Dona Penha was determined to change that reality. At the time, there were not even specific places to take care of women victims of domestic violence in her home state, Ceará, in Northeast Brazil. Nowadays, after more than a decade since the Law was created; the subject is not just being discussed by the population, but the State itself has increased its investment in specific public policies for defending women. "Women have begun to believe in the institution and the enforcement of the law, favoring that accusation. But, it is clear in cities where there are no means for women seeking information or making an accusation, men feel freer to practice violent acts", Maria da Penha believes.

In spite of the achieved advances, there is still a great deal to be done. "It is still not acceptable for a woman to be assassinated because there was no police station in her town, at least a center of reference, so that she could get psychological, social, and legal attention", she laments.

porque não tinha uma delegacia no seu município, ao menos um centro de referência, para ela ter um atendimento psicológico, social e jurídico", lamenta. "As pequenas e médias cidades sequer conseguem ter um centro de referência para que as mulheres sejam convocadas para conhecer seus direitos, escutar uma palestra".

Paralelo à luta pelo aumento da rede de atendimento para mulheres vítimas da violência, o Instituto Maria da Penha tem investido em ações educacionais. Para as crianças, foi criada a Lei Maria da Penha em cordel, um gênero literário típico do Nordeste Brasileiro. Traduzido para inglês, espanhol e braile, o material foi apresentado em escolas de várias regiões do Brasil e em dois países luso-africanos: Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Para os jovens universitários, foi criado um outro curso, que também é oferecido aos líderes comunitários. "Nenhuma cultura você consegue transformar se não houver um entendimento educacional", afirma.

Sobre a onda conservadora que assola o mundo, inclusive o Brasil, Maria da Penha não se mostra tão preocupada. Ela acredita que a representatividade feminina vai promover mais visibilidade às questões de gênero. "Temos um legislativo com cada vez mais mulheres. Eu espero que essas mulheres concorram mais para se fazerem presentes e para que seus anseios sejam atendidos", diz. "Também existem os homens que estão ao lado das mulheres. Muitos deles conhecem amigas ou parentes violentadas ou assassinadas. E nós temos o apoio desses homens".

Ela também acredita que só o fortalecimento do Estado pode ajudar a diminuir a violência contra a mulher. "Nessa cultura machista, ao ser vítima da violência, a mulher acha que bater nela é um direito que o marido tem. E isso precisa ser desconstruído", observa. "E isso só é desconstruído quando o gestor público cumpre seu papel de Estado. Já ouvi mulheres que me disseram que quando o vizinho foi preso, o marido nunca mais levantou a mão pra ela".

FOTO: VEREADORA MIDA

UM CASO LAMENTÁVEL

Em 1983, o marido de Maria da Penha, o professor colombiano Marco Antonio Heredia Viveros, tentou matá-la duas vezes. Na primeira vez atirou simulando um assalto e na segunda tentou eletrocutá-la. Por conta das agressões sofridas, Penha ficou paraplégica. Dezenove anos depois, seu agressor foi condenado a oito anos de prisão. Por meio de recursos jurídicos, ficou preso por dois anos. Solto em 2004, hoje está livre.

O episódio chegou à Comissão Interamericana dos Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) e foi considerado, pela primeira vez na história, um crime de violência doméstica. O relato registrado no livro "Sobrevivi... posso contar", publicado em 2010.

CASA DA MULHER BRASILEIRA

Centro de atendimento humanizado à mulher, a Casa da Mulher Brasileira reúne em um só lugar serviços essenciais especializados para os mais diversos tipos de violência contra as mulheres, como acolhimento e triagem, apoio psicossocial, delegacia, Juizado, Ministério Público, Defensoria Pública, promoção de autonomia econômica e brinquedoteca. "É complexo de atendimento por excelência", elogia Maria da Penha. "E isso facilita a vida da mulher".

Já presente em Campo Grande e Brasília, as unidades do centro de apoio estão em obras em São Luís, Curitiba, Fortaleza, Boa Vista e São Paulo e outras seis casas estão em processo de licitação, de acordo com a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, órgão do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, criado em 2003 e hoje vinculado ao Ministério da Justiça e Cidadania do Brasil.

FOTO: ANDRE BORGES

AN UNFORTUNATE CASE

In 1983, Maria da Penha's husband, Marco Antonio Heredia Viveros, a Columbian teacher, tried to kill her twice. The first time he shot her, simulating an assault and on the second he tried to electrocute her. Penha became paralyzed due to the aggression she suffered. Eighteen years later, her aggressor was sentenced to eight years of prison. Then, by ways of legalminstruments, he spent only two years in prison. He was released in 2004, nowadays he is free.

The episode got to the Human Rights Commission of the Organization of American States (OAS) and it was considered for the first time, as a domestic violence crime. The report was registered in the book "Sobrevivi... posso contar" (I Survived... I can tell my story), published in 2010.

BRAZILIAN WOMEN'S HOUSE

The Brazilian Women's House is a center for humanized care for women that offers essential services in just one location specialized to treat the most diverse types of violent crimes against women, such as reception and screening, psychological support, Women's police unit, Court, Public Prosecutor, economic empowerment and toy library . "Supplying excellent care is complex", praises Maria da Penha. "And this facilitates the life of women".

The support center units are already existing in Campo Grande and Brasília and others are being built in São Luís, Curitiba, Fortaleza, Boa Vista, and São Paulo and another six are in the bidding process, according to the Secretariat on Special Women's Policies, an entity in the Ministry of Women , Racial Equality, and Human Rights, created in 2003. Presently is linked to the Ministry of Justice and Citizenship of Brazil.

"The small and medium-sized cities are not even able to get a center of reference so that women can be taught to know their rights, or watch a lecture".

Parallel to the fight for increasing care to women who suffer as victims from violence, the Maria da Penha Institute has invested in educational initiatives. The Maria da Penha Law was published as "cordel" (string literature) for children, a type typical literary genre of the Northeast of Brazil. It was translated to English, Spanish, and Braille; the material has been introduced in schools in various regions around Brazil and two Portuguese speaking African countries: Cape Verde, Sao Tome and Principe. Another course was created for young people, which is also offered to community leaders. "It is not possible to change any culture without improving educational understanding", she states.

Maria da Penha is not so concerned regarding the conservative trend plaguing the world, even in Brazil. She believes feminine representation is going to promote more visibility to these gender issues. "There are increasing numbers of women in our legislature. I hope these women run for office in order to become more present and so their wishes can be met", she says. "There are also men who support women's rights. Many of them have friends or relatives who have been raped or assassinated. And so, we get support from these men".

She also believes that only the strengthening of the State can help to decrease violence among women. "In this male chauvinist culture, when a woman is a victim and suffers from violence, she thinks that the husband has the right to do this. And this needs to be deconstructed.", she comments. "And this is only broken down when the public administrator fulfills his/her Governmental role. I have heard women say that when the neighbor was put in jail, her husband never raised a hand against her".

TERCEIRA MELHOR LEI DO MUNDO

A Organização das Nações Unidas considera a Lei Maria da Penha como a terceira melhor do mundo no combate à violência doméstica. A dianteira ficou com a lei espanhola, que estabelece medidas de proteção integrada contra a violência de gênero e impõe matérias desde o ensino fundamental até o universitário, seguida pela legislação chilena, que busca prevenir, punir e erradicar a violência doméstica e dar proteção às vítimas, especialmente mulheres, idosos e crianças.

THE THIRD BEST LAW IN THE WORLD

The United Nations considers the Maria da Penha Law as the third best law on fighting against domestic violence. The Spanish law was considered better, as it defines integrated protective measures against gender violence and enforces school subjects beginning in elementary school and up to university courses. Then the Chilean is the second, as it seeks to prevent, punish, and eradicate domestic violence and provide protection to victims, especially women, elderly, and children.

MARIA DA PENHA NA JUVENTUDE // MARIA DA PENHA YOUNGER

5th BRAZIL AFRICA FORUM

TRENDS IN INNOVATION AND TECHNOLOGY FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT

23 and 24 November/17
São Paulo - Brazil
Sheraton - WTC

DIALOGUE with leaders
EXCHANGE information and ideas
FIND good business opportunities

Brazil Africa Institute

www.forumbrazilafrica.com

Standard Bank Brasil Representações Ltda (C.N.P.J 20.230.154/0001-87) is licensed as a representative office in São Paulo by the Central Bank of Brazil to represent in Brazil the South African financial institution known as The Standard Bank of South Africa Limited (Reg. No. 1962/000738/06) ("SBSA") as well as all its branches, subsidiaries and other related entities based in the African continent. Moving Forward is a trademark of SBSA 209304.